OBSERVADORES DE PÁSSAROS

CONTOS DE PASSARINHOS

Antologia de Contos - Volume I



Organização de
Gleidson Melo e
Marta R. Silva-Melo

ISBN: 978-65-996629-0-4

editora ECO Didática

A realização desta obra partiu de um esforço coletivo e constitui uma celebração por agregar conhecimento e sabedoria da tradicional arte de contar histórias. As aves livres na natureza e a contemplação destes seres tão especiais, sem a interferência destrutiva do ser humano em seus habitats, delineou o eixo temático e fio condutor desta especial antologia de contos.



Copyright © 2021 dos autores e da Editora Ecodidática

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou utilizada por meio eletrônico ou impresso, ou ainda por qualquer outra forma de reprodução, sem a expressa autorização dos autores e da Editora Ecodidática.

O conteúdo presente em algumas narrativas pode não representar a posição oficial da Editora Ecodidática que é a de proteção e de conservação da vida livre na natureza. Incluímos como práticas nocivas: aves engaioladas; o tráfico, a venda e a caça predatatória de animais silvestres.

Os textos desta obra alinham-se às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil em 2009.

Contos e biografias: revisão dos autores

Organização, edição e imagens: Gleidson Melo e Marta R. Silva-Melo

Diagramação e capa [ferreirinho-relógio]: Gleidson Melo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Observadores de pássaros [livro eletrônico] :
contos de passarinhos : antologia de contos :
Volume 1 / organização de Gleidson André Pereira de Melo, Marta Regina da Silva-Melo. -- Campo Grande, MS : Editora Ecodidática, 2021.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-996629-0-4

1. Aves 2. Contos brasileiros - Coletâneas
I. Melo, Gleidson André Pereira de. II. Silva-Melo, Marta Regina da.

21-90634 CDD-B869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira
B869.308

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

editora ECO Didática
https://editoraecodidatica.com.br
contato@editoraecodidatica.com.br

À memória de
Daniel da Silva Araujo

Passarinhando

Dia desses estava eu com meu coração arranhado por unhas-
-de-gato. O céu estava cinzento, apesar do sol radiante.
Oh meu Deus, tem misericórdia de mim! Então, resolvi pas-
sarinhar, saí voando por aí [...]

(Observadores de pássaros: contos de passarinhos
Antologia de Contos - Volume 2, p. 69)



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... **10**

OBSERVADORES DE PÁSSAROS..... **13**

A arte dos passarinhos de calcular distâncias
Fátima Soares Rodrigues..... 14

Devoradores de pomares
Pedro Galuchi..... 16

Primavera cantante
Roque Aloisio Weschenfelder..... 18

Observar sem interferir
Juliana Caldas Rosa..... 20

A árvore e as aves
Marta Regina da Silva-Melo..... 22

Pássaros livres
Lurdinha Alencar..... 24

É coleirinho, é curió!
Maria do Carmo Andrade Santos..... 26

Sobre o céu cinza
Luis Fernando Manassi Mendez..... 29

O sumiço dos cardeais
Nelci Oliveira..... 31

Os pássaros cor de prata
Efigênio Moura..... 37

Os pássaros livres na natureza
Charles Moreira Oliveira Bezerra..... 42

O último retrato
Alex Rosa..... 44

Sinfonia inacabada
Francisco Cau..... 48

O menino que tirava música até das árvores
Hilda Curcio..... 49
As notas de uma canção
Agnes Izumi Nagashima..... 53
O canto da jandaia
Raul Castro Brasil Bêco..... 55
O passarinho
Adriano Besen..... 59
Parei para ver um beija-flor
Vilma da Silva Santos Zani..... 63
O homem que ensinava a voar
Hélio Guedes..... 65
Saudade
Lígia Diniz Donega..... 68
A volta do canarinho
Patricia de Campos Occhiucci 71
Um último voo
Ricardo Kasburg Philippsen..... 75
Mãe-da-lua
Rogerio Luz..... 77
Eu passarinho
Verônica Barbosa Ribeiro..... 83
Levantando voo
Silvana Carvalho..... 85
Pio de Pássaro
Thiago Teixeira Lopes..... 90
Observatória
IsabelaTorezan..... 93
O canto dos pássaros
Helen Souza..... 96
Tomada de consciência
André Eitti Ogawa..... 100
Destruidor de gaiolas
Waldir Capucci..... 102
Os olhos de ver pássaros
Bruno Marquês Areno..... 105
A gravidez do bem-te-vi
Tamara Coqueiro..... 107
Uma janela para o jardim
Verônica Mota..... 112
Asas cor de prata
Ágda Franco Barrêto..... 113
Eu, os salvadores e a rolinha
Pedro Franco..... 116
Nas lentes da liberdade
Erika Patricia Costa Goncalves..... 119
O voo da ave
Mário Vicente..... 120
Imperecivelmente vinculado
Fernanda Luiza Viana Ferreira..... 121

SOBRE OS AUTORES..... **125**

INTRODUÇÃO



Embora não seja ornitóloga, as aves me encantam. Sinto-me privilegiada por viver rodeada de passarinhos. Com dois terrenos pontuados por árvores nativas do cerrado, um resquício da mata que cobria a região no passado, convivo com diferentes aves ao longo do ano. Dependendo das flores e frutos silvestres no quintal, em cada época é uma orquestra diferente.

Neste ano de 2021, as araras-canindé (*Ara ararauna*) marcaram forte presença nos meses de agosto e setembro, gritando antes do sol nascer ao se fartarem das flores e néctar do açoita-cavalo (*Luehea grandiflora*).

No meio da tarde, falando ao telefone com uma amiga jornalista norte-americana, que escrevia para a revista da Audubon, ela ficou encantada ao ouvir os passarinhos do quintal, entremeando as nossas conversas. E é isso que me encanta, morar num país rico em biodiversidade, em especial de aves, com 1971 espécies ocorrentes, segundo a última lista publicada em 2021, pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)*.

As aves atraem a atenção dos homens desde a antiguidade, não só pelo tamanho, canto ou cores, mas sobretudo pela capacidade de interação com os humanos, sendo retratadas desde os tempos mais remotos, inclusive em pinturas rupestres. Quando os portugueses chegaram no Brasil ficaram fascinados pelas araras, periquitos e papagaios, e naquela época esse fascínio deu início à retirada, captura e transporte de inúmeras espécies de aves. Passados 500 anos, essa prática nefasta ainda persiste com o tráfico de animais silvestre em todo mundo, mas por outro lado, o estudo e a observação de aves na natureza também tem crescido exponencialmente.

A América do Sul é o continente das Aves. O Brasil juntamente com Colômbia e Peru se destacam em número de espécies, onde a prática da observação tem sido cada vez mais frequente e crescente.

Essa prática tão importante foi destacada com a contribuição dos observadores de aves com o acréscimo de 40 novas espécies, na nova lista do Brasil, sendo que a maioria foi devido ao registro de cidadãos cientistas.

Observar os pássaros é estar em contato com a natureza. Isto nos traz benefícios psicológicos, cognitivos e fisiológicos: bem estar físico e mental; prende a atenção; reduz a fadiga; diminui depressão e o estresse; reduz ansiedade e tensão; aumenta a interação social; entre outros. Mas acima de tudo, observar os pássaros em vida livre ajuda a conservá-los nos seus ambientes naturais, aumenta o conhecimento sobre as espécies, gera informação e ciência. E essa é a premissa maior desta coletânea de contos, em que as pessoas podem observar as aves livres através da sua janela, do seu quintal, da sua cidade ou podem até se deslocar para ver os pássaros em outras regiões, incentivando o desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo que ajudam a promover a consciência ambiental e a conservação da biodiversidade.

Convido você a fazer uma leitura das diferentes formas, impressões e manifestações dos autores sobre as aves que fazem parte do nosso cotidiano, promovendo o aprendizado, reforçando as diversas culturas, a ciência e a educação.

Dra. Neiva Guedes
Presidente do Instituto Arara Azul

---

* PACHECO, J. F.; et al. Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos – segunda edição. CBRO, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5281/zenodo.5138368

O observador de pássaros

Nos galhos da árvore há esperança de vida, em cores e penas, apenas luz e colorido. Enquanto a beleza matinal traz calmaria, uma melodia desperta e quebra o silêncio da trilha – encanta e canta em belos duetos e solos – é vida que surge numa manhã de sol. Nos caminhos da natureza segue o homem, ávido, curioso, atento. Existe algo de novo a ser revelado, a aproximação se transforma em êxtase, e lá se vai o observador de pássaros.

(Gleidson Melo)



OBSERVADORES DE PÁSSAROS

A arte dos passarinhos de calcular distâncias

Fátima Soares Rodrigues



Quatro passarinhos de peito branco alinhados na grade, a distâncias iguais, simétricos, parados de lado, todos talvez a olharem para o mesmo alvo, pela posição.

Em questão de segundos, o primeiro da ponta alça voo, enquanto os três permanecem estáticos.

Em sequência da fila, um a um começa a voar à medida que espera o anterior pousar do outro lado.

Quem ensinou, a essas criaturas, a matemática do viver?

A construir o ninho longe dos predadores, no alto das árvores, com a palha, a paina, o graveto e a terra molhada, cravado com afinco no tronco das árvores, a ponto de suportar tempestades?

Como sabem o tempo de preparar o ninho a tempo de o filhote nascer?

Quais os cálculos efetuados na abertura circular do ninho para o macho sair e buscar o alimento, mas o fundo menor somente para abrigar os ovos e, depois, os pequenos filhotes?

Quem instruiu o macho a cuidar da alimentação da fêmea enquanto ela vela pelos recém-nascidos?

Qual foi a escola que educou os filhotes a perderem o medo e ganharem os ares para aprender a buscar alimento?

Quando voam em bando, como não trombam as asas abertas, desenhando um leque no espaço?

Qual relógio marca o toque de recolher com o sol e o despertar com a luz do dia?

Em qual partitura aprenderam a entoar cânticos tão maravilhosos?

Como assimilam bem as perdas quando o ninho é derrubado, um filhote é alvejado e, ainda assim, recomeçam novamente sem parar de cantar?

Quem dotou essas criaturas de leveza, humildade e igualdade de viver?

Há tanto a se aprender com passarinhos...

Calcular a distância necessária de tudo que nos incomoda, do perigo que se apresenta, de ser alvo daquele que ataca...

Erguer a cabeça e buscar outros ares quando o que temos é destruído, tendo o espaço como infinito...

Devoradores de pomares

Pedro Galuchi



Céu ainda escuro
Madrugada passa lenta
Dia demora um pouco a nascer
Bem-te-vi desconfiado
Desfila no muro
Olha pra um e outro lado
Talvez pense ser mais tarde
Dispara a fazer alarde
De todo canto o passaredo
Aparece no quintal
Cantando satisfeitos
Enquanto devoram o pomar
Não há briga nem disputa
Ignoram o espantalho,
Atacam cada galho
E nenhuma fruta resta inteira
O pomar é dividido
Nas jabuticabeiras os sabiás
Maritacas espalhafatosas
Dividem os maracujás
Canários afinando o canto
Ciscam e espalham sementes
Que num quarto crescente
Novamente vão brotar
Rolinhas saltitam nas goiabeiras
Figueiras sob os bicos dos pardais
Ouve-se gritos estridentes
“Lá tem mais” “lá tem mais”
Olho acima dos coqueiros
São periquitos em revoada
Avisando os passarinhos
Que no quintal ali pertinho
Há outro pomar pra devorar

Primavera cantante

Roque Aloisio Weschenfelder



Acordo ainda com sono, embora setembro já clareie os dias um pouco antes das seis horas. Tem nada de anormal comigo, é um casal de sabiás que cantam com insistência, saudando um novo amanhecer.

Levanto e olho pela janela que dá para o jardim e o pomar adiante. Lá, em cima do parreiral de três pés de uva preta, está, na minha imaginação, o sabiá macho, convocando sua fêmea para uma revoada pelas árvores do pomar e, também, pela vizinhança. Eles precisam fazer isso, antes que eles tiverem de chocar os ovinhos que ela terá de botar daqui a uns dias.

Ela está sentada em cima de um dos galhos da laranjeira, que já pariu as frutinhas nascidas da floração, assim que o inverno começou a se render aos primeiros calores mais intensos do sol. A queridinha retribui o canto do amado e, quando termina, os dois voam ao pequeno pomar da casa vizinha.

Eu ia fechar a janela, mas um colibri veio, como um raio em tempestade, visitar uma flor do pé de romã; rodopiou alguns segundos, enquanto um atrevido chamou: "Bem--te-vi, bem-te-vi". O colibri se mandou, não sei pra onde, quando outros malandros repetiram: "bem-te-vi". (Olha nem escrever este conto consigo sem que os bem-te-vis avisem, neste instante, que estão vendo).

Eu queria ir lavar o rosto para tirar resquícios dormidos, mas, então, um par de canários veio dar uma trepadinha bem em cima da parreira. Nem se importaram que eu os estivesse vendo. Voaram embora porque um casal de pombinhas marrons veio voando e começou a caminhar em cima dos vigorosos brotos de verde bem novo ainda. Na sua língua muda, combinaram algo que me parecia estar relacionado ao amor.

Deixei a janela aberta e fui me lavar bem rápido, ouvindo o cantar de outros sabiás, mais bem-te-vis denunciando alguma incerta traição. Vai que falam do casal que vive brigando, morando na casa do outro lado da rua.

Preciso arrumar meu café da manhã, já que minha amada foi visitar sua mãe, lá no Paraná, e só voltará quando minha sogra ficar melhor de saúde. Vou à cozinha esquentar água e colocar pão, xícara, doce e queijo na mesa. Até que a água aquece, olho pela lateral, porta de vidro, para o pomar vizinho. Parece que meus amiguinhos querem ser vistos por mim, porque enchem o ar de canções, voam caçando bichinhas nas árvores e no chão. Comem tudo vivo e cru, enquanto eu preciso os alimentos todos preparados, exceto alguma fruta que consigo comer crua.

Hora de trabalhar em meu *home-office*, que a Covid19 me impôs. Vou deixar os passarinhos viver livres e sem as preocupações que nós humanos conseguimos arranjar. Trabalho, e meus ouvidos escutam felizes vozes que parecem floridas como a natureza da primavera cantante.

O bservar sem interferir

Juliana de Caldas Rosa



Tenho a sorte, ou seria privilégio, de ser vizinha de um parque florestal que, apesar de ainda não ter tantas árvores frutíferas, abriga muitos tipos de aves.

Durante o ano, várias espécies transitam do outro lado do muro, desfazendo o ar de cidade, próprio de uma capital. Outras atravessam o céu em várias direções, e outras acabam fazendo morada no meu quintal.

Saracuras, sabiás, maritacas, bem-te-vis, bicos-de-lacre, currilas, caga-sebos, canários-da-terra, saíras, beija-flores, além das cosmopolitas rolinhas, pardais e joões-de-barro, e outros pássaros que nem sequer sei os nomes.

Na primavera, fico aguardando o pica-pau acordar o caquizeiro de sua dormência. Tenho certeza que são suas bicadas que incentivam a rebrotação das folhas, para que, no outono, ele possa vir com sua família se alimentar dos frutos saborosos. E como comem! Nem se incomodam com minha presença na escada apoiada no tronco. Acredito que ficam a exibir seus topetes amarelos, sabendo que gosto de admirá-los.

Os aracuãs, as gralhas e os sanhaços também se aproveitam da boa vizinhança para saciar a fome. Primeiro, com as cerejas-do-mato; depois, com as acerolas, os figos, e, claro, os caquis. E vamos dividindo a fartura, ou a escassez, como ocorreu nesse ano de estiagem.

Pouco antes do verão chegar, algumas bromélias, enraizadas no caule do pé de bergamota, soltam seus cachos com bagas que vão ficando cada vez mais vermelho-alaranjadas. Sei que o momento do fim-fim fazer sua visita se aproxima. As cascas das bagas maduras espalhadas na grama denunciam sua passagem. E o canto melodioso confirma sua presença, e me presenteia com notas

e cadências complexas. Curioso como "fim-fim" é apenas um chamado para que a plateia se coloque de prontidão para o espetáculo musical!

O alma-de-gato sempre chega no começo do outono, para ajudar no controle da população das lagartas do limoeiro e do maracujá. Chego a pensar em proteger as lagartas, mas acabo dando licença para que ele se alimente. Afinal, é o ciclo da vida! E resta-me observar como seu voo é leve como uma pluma, e também a ligeireza com que caça.

No inverno, as águias mudam suas rotas e cruzam o céu por cima da minha casa. Quando passam, nunca são silenciosas, de forma que sempre lanço meu olhar para o alto. Já as vi passarem com siris, rãs, outros pássaros, e até cobras. Algumas param para descansar sobre o telhado do vizinho, com sua presa, para logo depois seguirem.

E, em meio a tantos pássaros, ainda tem o tinguaçu, ou capitão-de-saíra, que costuma aparecer no retorno da primavera. Se bem que aparecer não seria o termo correto, já que dizem não ser comum que ele se apresente. Mas seu canto insistente se faz ouvir, em rítmicos intervalos de sons repetidos que se findam em um som mais grave.

Ano passado não foi diferente. E na tentativa de conexão, imitei seu canto, assoviando, ao qual parecia responder. Percebia sua aproximação, mas em poucos minutos, ficava sem seu retorno. Cheguei a gravar seu canto no celular para simular um concorrente. Penso que funcionou, pois começou a intensificar sua vocalização, e senti que estava em alguma árvore do outro lado do muro. Mas, certa de que percebeu minha intenção, não tardou a emudecer e se distanciar novamente.

Quando, depois de muitos dias nessa brincadeira sonora, finalmente consegui vê-lo pousado em uma árvore próxima ao muro, minha emoção foi tanta que gritei: "o tinguaçu"! No mesmo instante desapareceu, e somente agora, após um ano, estou a escutar seu cantar novamente.

Entendi, por fim, que quando se trata de observar pássaros, não devemos nos tornar *paparazzi* inconvenientes.

A árvore e as aves

Marta Regina da Silva-Melo



Era uma intensa relação vivenciada entre a árvore e as aves. Nela, as aves pousavam, se alimentavam e se abrigavam. As pessoas também usufruíam da sua sombra e se sentiam acolhidas.

A majestosa árvore foi plantada para recuperar uma área degradada, mas, por ser frondosa e bela, favoreceu o paisagismo e a arborização urbana, garantindo bem-estar a todos! Sua belíssima inflorescência, iluminada pelo sol matinal, sempre atraiu diversas aves. As mais avistadas eram os sanhaços-cinzentos, maritacas, periquitos e os beija-flores que bailavam no ar em busca do néctar. Mas, muitas das outras aves que ali conviviam, só ouvíamos.

As cores das flores harmonizavam com as cores dos pássaros. O aroma produzido pela frondosa árvore, por incrível que pareça, abrandava os níveis de estresse da rotina diária. O sussurro do vento era como um convite a chegar mais perto para contemplar essa sublime relação.

Quando a chuva caía sobre a sua copa, içava um perfume inebriante motivado pela química que fluía entre a chuva e a terra – era tão bom! Como muitas árvores, suas folhas caíam no outono. Seria uma mágica transformação ou uma estratégia de sobrevivência?

O vento varria as folhas e as flores pelas vias, pois no outono, tanto árvores como as aves passam por renovações. Apesar disso, todos os dias as aves iam e vinham celebrando como uma sinfonia.

Certo dia, escutamos um som descompassado e desarmonioso, era um prelúdio de tragédia – uma música cruel produzida por uma motosserra ao cortar a estimada árvore. Tudo foi arquitetado pelos impiedosos, manipuladores e insensíveis. Não deu tempo protestar, sequer defender a majestosa! – O lar das aves e a sombra necessária à vida.

Inadmissível compreender quem requisitou e autorizou essa tamanha barbaridade. Seria um problema cultural de alguns indivíduos que não consideram o valor de uma árvore?

Brutalmente ferida, a árvore produzia um tipo de resina vermelha que lembrava o sangue. Parecia uma maneira de nos dizer que estava sendo penalizada injustamente.

A derrubada da árvore que estava saudável e realizava várias funções ambientais na cidade foi um ato criminoso. Tristeza para todos. Angustiados com toda essa atrocidade, só nos restou chorar.

Foi nesse momento que bem-te-vis, canarinhos, sabiás, papagaios, tucanos, araras, juritis e várias outras aves passaram voando por cima da majestosa. Era como se fosse uma saudação e despedida.

Como uma canção, uma poesia, sempre foi um refrigério ver o céu entre suas folhas e flores, bem como as aves que ali se abrigavam, me fascinava! – É esplêndido observar as aves livres na natureza.

O conforto térmico proporcionado às pessoas, pela majestosa sombra da árvore, já não se sentia mais. Agora é só nostalgia! Sem árvore, notadamente a rotina das aves foi altamente comprometida, especialmente o seu cantar.

O amanhecer e o entardecer nunca mais foram os mesmos, sem as interações e celebrações entre a árvore, as aves e as pessoas que a apreciavam.

Devemos aprender a viver em harmonia com todas as formas de vida e considerar a importância de cada ser que existe no planeta!

– Mas, e as aves que dependiam daquela bela árvore? Naturalmente, elas foram obrigadas a encontrar outra árvore e estabelecer novas interações.

Plantar árvores favorece a qualidade de vida de todos; quanto às aves, são fontes de inspiração, o seu papel vai além do colorido de suas penas e da delicadeza melodiosa do seu cantar. Devemos deixá-las livres.

Pássaros livres

Lurdinha Alencar



Amanheceu, e com a beleza do amanhecer, os pássaros também acordaram. A beleza dos pássaros é diversificada, pois a cada dia ouvimos cantos diferentes, e ainda podemos observar os que voam bem alto e em silêncio, como os urubus e as andorinhas.

De frente a uma pequena rua, formada por apenas duas quadras, lotes vagos, e algumas casas, existe uma área verde que possui árvores diversificadas. Desde pés de mamona, faveira, buritis, tamburi, jatobá, pastagem... Que vão de encontro com o pequeno riacho, onde diferentes pássaros voam livremente.

Observamos alguns deles no dia a dia:

As araras que voam e vão até o "pé de tamburi" comerem os frutos; os papagaios sempre em casais, vêm logo cedo fazendo muita algazarra para comer no "pé de faveira"; os quero-queros, sobrevoam a pastagem, pousam no chão e ficam andando à procura de alimento; os bem-te-vis acordam bem cedo, voam de árvore em árvore, pousam no poste de energia em algumas casas e ficam a cantar; a pomba-do-bando, pousada no alto de uma grande árvore, canta alegre chamando seu companheiro, já que todos os anos volta no início da primavera para fazer seu ninho na mesma árvore; o joão-de-barro, muito cuidadoso na construção, retoca o ninho, ou às vezes tem que construí-lo novamente; o pássaro-preto canta mais longe no alto dos "pés de buritis", às margens do pequeno riacho; o casal de carcará anda pela pastagem queimada e gritam, pois o fogo fez sua amiga coruja não aparecer mais no cupinzeiro; o gavião- pinhé canta no alto das árvores; o tucano percebe que tem mamão e vem para comer, mas o latido dos cachorrinhos faz com que levante voou e vá pousar no grande pé de tamburi; as pipiras como são silenciosas, vêm muito caladinhas e aproveitam para comerem o mamão que já está maduro; os anus cantam pousados nos pés de mamonas.

Em uma das casas tem um pequeno cantinho verde, medindo apenas 3x2 metros, mas bem cuidado e plantado pés de mamão, algodão, jasmim, rosas e outras plantas.

A dona Maria começou a colocar comida e água embaixo do "pé de algodão", já que o mesmo é bem grande e faz sombra.

Aos poucos, os pardais começaram a descer do algodoeiro e irem comer ração na vasilha no chão. Um casal de rolinhas também passou a vir sempre, comem, bebem água, vão descansar nos galhos das plantas ou nos fios da rede de energia e cantam seu "fogo pagou".

Com o passar do tempo, os passarinhos foram acostumando com o ambiente, e agora já vêm se alimentar: pardais, rolinhas, canários-da-terra, tucanos, pipiras, bem-te-vis, sanhaços e também o beija-flor.

Dona Maria colocou um bebedouro para beija-flor, com água açucarada, pendurado nos galhos do "pé de algodão". Ele começou a vir de forma muito tímida para tomar água. Mas aos poucos foi acostumando com o ambiente e já são quatro beija-flores a vir tomar água, mas o momento mais lindo é quando dona Maria segura o bebedouro, chama o beija-flor e ele vem ao seu encontro para tomar água em sua mão.

Os pássaros acostumam com o ambiente onde podem viver, cantar, voar, ter o direito de ir e vir, para alegrar a natureza e quem cuida deles com amor.

É coleirinho, é curió!

Maria do Carmo Andrade Santos



Eram dois amigos inseparáveis, João e José. Moravam no interior, numa cidadela que todos se conheciam, todos compartilhavam histórias, alegrias, tristezas, circuitos de fofoca, paradoxos, crenças, pessoas e tudo mais. Interior do interior.

No interior tem aves. Tem muitas aves, de toda qualidade, cor, sabor, tamanho, penas, sem penas, bico grande, bico pequeno, comedoras de frutas, insetos, sementes, cadáveres e restos de comida. Tem de tudo.

João e José num domingo à tarde pescando, sem pescar nada, só na moagem, esperando o sol se pôr um pouco mais, antes de ficar escuro viram um passarinho, num raminho, na beira do barranquinho que se formou no riozinho. Passarinho de bico gordo, pequenino, de cores escuras e de canto bonito.

– Olha lá Jão, é um coleirinho, fazia tempo que não via!

João levantou o chapéu, aprumou o corpo, firmou a vista, cuspiu na água, pigarreou, puxou a vara, olhou de novo, viu o bicho.

– É curió Zé, faz tempo mesmo!

– É coleirinho, veja direito, vê se acorda.

– É curió rapaz, presta atenção!

– É coleirinho!

– É curió!

– É coleirinho!

– É curió!

E o sol baixando e a luz sumindo e todas as aves, todas as plantas, tudo ia ficando pardo, pois à noite todo gato é pardo.

E vejam bem, essa discussão fez com que João e José brigassem para sempre, um não foi no casamento do outro, nem mais em aniversários, nem mais nada fizeram juntos, fim. A cidade ficou chocada, mas não por muito tempo, só pelo tempo de um novo fato estarrecedor ter ocorrido.

Mas a discórdia se instalou no coração de João e de José com tal envergadura que eles casaram e foram embora da cidade natal. Cada um prum lado, mas o passarinho ficou cantando na lagoa, o sapo coaxando, os peixes nadando, o vento assoprando, vez ou outra as capivaras e as antas iam lá tomar um banho.

E assim ficou a lagoa e a cidade e os cidadãos e a estrada esburacada e enlameada, a falta de energia, o pouco contato com gente de fora e as casas velhas caindo aos pedaços.

Vinte anos se passaram, e por uma coincidência, só explicada pela conspiração universal contra a paz, João e José vieram no mesmo feriado visitar os ancestrais remanescentes; viventes do mesmo local e tempo que sempre estiveram.

O tempo cura tudo, já diz o ditado, mas ele cura o que ele não matou! O tempo na verdade nem existe, mas ele é implacável, inconsistente, ignóbil, inteligente, interessante, indigno. O tempo é ligeiro para o velho, lento, para as crianças e não existe para o restante.

Enfim, os amigos inseparáveis com o tempo deixaram a mágoa antiga de lado, de escanteio, na prateleira do cérebro, como queiram; e ao se encontrarem na praça da cidade se abraçaram, choraram, brindaram, beberam, apresentaram a família, muito prazer!

E para matar a saudade, foram pescar!

E aparece no fim da tarde o passarinho de bico gordo, pequenino, de cores escuras e de canto bonito.

– Olha lá Zé o curió, que lindo! A última vez que vi foi aqui mesmo com você, ainda éramos dois fedelhos.

– Jão, é um coleirinho, verdade, a última vez que vimos foi aqui mesmo. Será que é o mesmo?

– É curió Zé, mas não deve ser o mesmo não!

– É coleirinho, ficou pior das vistas, é?

– É curió véio doido!

– É coleirinho, e véio é você!

– É curió!

– É coleirinho!

E brigaram de novo, e foram para suas casas, nas suas cidades, com suas famílias e discórdia renovada no coração.

Até ontem ninguém soube se era um coleirinho ou um curió, mas falaram que, com certeza, era um bicudo.

Sobre o céu cinza

Luis Fernando Manassi Mendez



Sobre a queimada, a fumaça ocultava o céu, impedindo distinguir o tempo. O fogaréu crepitava as nuvens fumacentas. Dia ensolarado ou nublado, o cinza predominava. Animais, ora desfaleciam, intoxicados, ora fugiam, sobressaltados, sem rumo.

Onças pintadas, jaguatiricas, cobras e lagartos, triturados na rodovia, tentaram seu último refugo contra as chamas. Saíam de suas tocas, alguns, com filhotes entre a boca, buscavam proteção.

O que era verde, virou asfalto. Não bastasse, impiedosos, motoristas ceifavam suas vidas, em alta velocidade. Iriam apodrecer, no asfalto, feito indigentes. Um que outro pássaro, se não fosse pego por uma ave de rapina, teria mais sorte de sobreviver.

De repente, cambaleante, surge um pássaro vistoso, azul com breves tons amarelados. A equipe de ornitólogos, sensível, acolhe o animal. Na verdade, estava com as asas pretas de óleo. Foi difícil identificar sua procedência. Animal dado, afável, bicava carinhosamente Lara, a bióloga responsável pelo monitoramento dos animais na selva.

Tião foi o nome sugerido pela equipe. Com o cantar onomotopaico, conquistou simpatia geral. Foi realizada uma radiografia e seu pulmão estava comprometido pelas chamas. O animal respirava com dificuldades. Com uma perna fraturada, ficou imobilizado.

Mesmo machucado, o animal piscava o olho, comunicativo. Deitado de lado, erguia a cabeça para bicar o dedo de Lara. Foi preciso sedá-lo.

A evolução do quadro de Tião inspirava cuidados, apesar dos avanços. Não seria preciso sedar mais. O animal virou mascote da turma. Em pouco tempo, Tião estaria

em seu habitat. O problema, contudo, era a despedida. Mesmo monitorado, não seria visto tão cedo, estaria nas alturas, e a equipe, na terra, com saudades.

Tião era um sobrevivente carinhoso. Transmitiu afeto à equipe acostumada a tratar de animais silvestres, e soltá-los. Mas Tião era especial. A recuperação foi rápida, mas havia uma relutância, por parte de Lara, em soltá-lo, cativada. Mas seu destino era a natureza.

A luta em devolvê-lo ao habitat foi mais desafiadora que seu tratamento. Lara precisou de coragem para abrir as mãos e a atirá-lo ao ar livre, e quando o fez, ficou de costas, lacrimejando. Não suportava despedidas. Queria Tião para si.

Tião estava livre, na natureza, mas preso no coração de todos.

O sumiço dos cardeais

Nelci Oliveira



Era um lindo dia, o sol raiava entre as brechas das árvores que intercalam casas e grades iluminando os pássaros a cantar como uma serenata. A cantiga das aves encanta a avó Catarina. Mas naquele dia o casal de Cardeal não voltou.

A avó toma em suas mãos uma vasilha com quirera e arroz e espalha no canto direito do piso do terraço da casa. Logo em seguida os pássaros descem das árvores a cantarolar como se dessem "Bom dia" aos que estão a contemplá-los. E um a um vão se posicionando ao redor do banquete oferecido pela dona da casa, igual uma família reunida em volta da mesa no café da manhã.

À tarde Lauren Maria de três anos, seu irmão Michel quatro anos mais velho, a mãe e a avó foram passear na casa do primo Kaíque. Os meninos brincavam no pátio, mas a menina permaneceu sentada na frente da gaiola observando os agapornis e os calopsitas. Os agapornis são uma gracinha. Os calopsitas com seu belo canto enredam e encantam a Lauren Maria. A pequena ficou tão fascinada, que ao voltar para casa, implora:

– Vó, os passarinhos que moram na gaiola do Kaíque são muito fofinhos! Eu também quero um passarinho de estimação. A avó compra um pra mim? Igual aqueles do Kaíque!?

A avó diz:

– Eu tenho uma grande variedade de passarinhos de estimação.

A netinha curiosa interrompe a fala da avó, dizendo:

– Onde vó, eu nunca vi. A vó não tem gaiola!

A avó continua:

– Os meus passarinhos de estimação não ficam trancados em gaiolas. São livres e vivem soltos na natureza. Eles vão e voltam como quiserem e quando quiserem. Todos os dias eles cantam ao alvorecer. Às vezes vêm cantar na janela do meu quarto. Se alimentam e seguem a entoar seu canto na redondeza distribuindo um pouco de alegria, até mesmo para quem anda muito apressado.

Ao cair da tarde, a avó senta na sua cadeira de balanço e convida os netinhos para ver a vinda das aves: são pombas, pardais, canários e, tantos mais, enchendo o papo. Satisfeitos, voltam para os galhos a se esconder entre folhas onde simplesmente pernoitam, ou fazem os ninhos para perpetuar a espécie.

No outro dia o sol vem vindo de mansinho, a família senta no terraço para tomar chimarrão. Juntam-se pausadamente os passarinhos. Lauren Maria olha, vê que não tem comida e avisa:

– Acabou a comida do passarinho, vó.

A avó então ensina os netinhos como cuidar da alimentação dos bichinhos de estimação dela. O Michel e a Lauren Maria, juntos, pegaram um copo, encheram metade de quirera, outra metade de arroz, mais algumas frutas e espalharam no lugar de sempre.

Quem ama e defende os pássaros da natureza não vê apenas aves voando pelo céu. Mas vê sua grandiosidade em cada detalhe: na cor, no tamanho, no canto, na forma, no movimento e comportamento. E sem cerimônia, em poucos dias as crianças aprenderam a amar e cuidar dos passarinhos. Então viram aves que nunca tinham percebido antes. O pica-pau fazia estremecer o tronco de um pé de ariticum. O sábio sabiá parecia dançar no galho da laranjeira enquanto bicava uma laranja madura, bem na cor do sol daquele dia. O beija-flor azul ou verde pairava no ar entre um beijo floral e outro. O formoso cardeal e sua companheira dão espetáculo por onde passam, com direito a "abre alas". A corruíra baila ao som do vento, entre telas e finos galhos. O joão-de-barro não cansa de carregar o barro e alguns fiapos no bico, para construir sua modesta e aconchegante casinha, no topo do poste de luz. No quintal a pequena e serelepe Lauren escuta uma voz:

– Eu te vi! Ela pergunta:

– Quem me viu? Onde está você?

E a voz repete:

– Eu te vi!

Ela redobra a atenção para descobrir de onde vinha essa voz. Mais atenta a cada passo que dava, chegou bem perto de quem emitia expressão tão afirmativa quanto admirável: "Eu te vi!". Levantou a cabeça. Fixou o olhar investigativo para um galho de um pé de canela doce plantado no fundo do quintal. Quase imóvel suspirou, respirou fundo para recobrar os sentidos, tão feliz ficou. "Um passarinho falou comigo", pensou. Era um belo bem-te-vi.

Estava tudo perfeito, uma mistura de cores e de sons. Mas aquela sexta-feira sombria, deixou sombria minha alma e a dos pequenos defensores e espectadores da natureza. Me cortava o coração vendo as crianças naquela situação, aguardando aflitos a chegada dos cardeais. As horas passaram. O dia foi indo embora e faltavam os cardeais. No início da noite, assistindo ao noticiário da TV, Lauren e Michel ficaram na expectativa. O repórter noticia um flagrante de tráfico de aves silvestres. Na reportagem também mostravam passarinhos em gaiolas que pararam de cantar, possivelmente por conta da tristeza de estarem presos, pois, tinham um olhar menos alegre do que as aves livres. Lauren e Michel ficaram tão abismados com aquela cena.

– Vó, nossos cardeais também foram aprisionados em gaiolas?

– Eles vão ficar tristes?

– E se eles não voltarem mais!?

Uma semana passou, mais a metade da outra e a esperança de encontrar as aves ficou tão grande quanto o nosso querido e imenso Brasil. A garoa caía, deixando mais verde as verdes folhas. O alegre sabiá cantava camuflado entre as folhas da laranjeira. As formigas subiam e desciam em grandes filas atraídos pelos pulgões. A grande canela florida parecia encoberta de um enxame inteiro de abelhas tão doce sabor, dava gosto de ficar próximo só pelo cheiro cheiroso que as flores exalam. A avó observa o ninho da rolinha quase no tempo de descascar os filhotes quando deu conta de outro ninho em galho vizinho. Conversando com seus botões, dizia: "Será que é de outra rolinha? Ou do bem-te-vi? E esta flor vermelha, lá em cima!? Será que é o que estou pensando, não, não pode ser!?" e era exatamente o que a avó estava pensando. Depois da escola reuniu as crianças no quintal incumbindo a elas a tarefa de observar o pé de canela inteirinho. E concluiu:

– Sabem, observar é muito mais do que simplesmente olhar. Para observar nos valemos de todos os recursos que dispomos. Os cinco sentidos: audição, visão, olfato, tato e paladar.

– Por que temos que fazer isto, agora? Nós queremos brincar – falou a pequena Lauren Maria.

– E por que não brincar de pega-pega na árvore? – instigou Michel.

Kaíque disse:

– Caramba! E eu vou comer folhas!

A avó achou graça na ironia do menino:

– Se for necessário, faça isso. Experimente. Mas não esqueça, use os recursos de acordo com o que você quer investigar.

A conversa entre os netos segue animada:

– O que move nossa expectativa é o sumiço dos cardeais. Logo descartamos o paladar.

– Neste caso: o paladar, o tato e o olfato.

– Não podemos descartar o olfato, vai que sentimos o cheiro deles.

– Escutei o barulho de filhote de passarinho.

– Devem ser filhotinhos de pomba. Veja. Aí vem a mãe trazendo uma minhoca no bico.

– E não tem espaço para mais ninhos nessa frondosa copa?

– É claro que tem.

– Se tem nós vamos descobrir!

A avó ficou na torcida vendo os netos no caminho certo. Questionaram, levantaram hipóteses, verificaram minuciosamente e mergulharam fundo na investigação. Continuaram com perguntas e definições. De repente:

– Vó, o pé de canela tem flor vermelha?

– Flor se mexe quando não tem vento?

– Agora vejo duas!!!

– Flores ou cabeças?

– São os cardeais!!!

– Eles estão vivos!!!

E as crianças fazem a festa com tal descoberta. Apareceu o casal de Cardeal que havia desaparecido há algum tempo atrás. Acontece que eles vinham, se alimentavam sem serem notados e voltavam para a copa, ou melhor, para o ninho. Mas os pequenos estavam curiosos e queriam saber porque ficavam tanto tempo só na frondosa copa da árvore. Através de profundo estudo conciliando pesquisa e observação, aprenderam que era época da reprodução das aves, por isso, fizeram o ninho num lugar difícil de se ver, protegido dos predadores. No momento estavam chocando.

Passou mais alguns dias, o trato que normalmente dava para alimentar os passarinhos durante uma semana já não era suficiente. Mal dava para cinco dias.

Quase todas as espécies de passadinhos tinham filhotes, por isso, precisam de mais alimento. O gorjeio também dobrou com a reprodução.

As aves que aqui rodeiam gorjeiam num gracejo só, e o espetáculo continua. Sendo assim, os dias ficaram mais lindos, o sol mais radiante e o povo mais encantado.

Os pássaros cor de prata

Efigênio Moura



Alarmados com a ausência do canto dos pássaros já há alguns dias em toda a região do município da Prata, Cariri da Paraíba, os moradores da cidade foram reclamar com as autoridades a fim de buscarem uma solução para o problema. O sumiço das aves causou uma grande confusão:

– Nunca mais ouvi um Xexéu-de-bananeira – disse um morador agoniado.

– Mãe chegou e o Vem-vem nem avisou! Pegou a gente de surpresa – reclamou uma moradora do lugar.

Alguém do meio da multidão acusou:

– O velho Mundico todo dia vai pro lado do Catucá com uma carroça cheia de gaiolas e alçapões. Ninguém vê ele voltando...

Afoito, outro gritou:

– Ele tá prendendo o canto dos bichinhos, mode que da casa dele ainda se ouve alguma coisa...

A casa de Mundico era depois da Igreja. Era uma casa de taipa bem velhinha e, em cima dela, ramas de melão-de-são-caetano telhavam as telhas que o tempo escureceu. Havia uma sonoridade gostosa saindo de lá, morando lá.

Mas Mundico era razinza. Morava sozinho, falava pouco, não se metia nos assuntos alheios e tinha a antipatia de boa parte da população justamente por não interagir muito com o povo de qualquer canto.

A confusão começa a se acalmar quando o tio de José, delegado da cidade, comunica:

– Vou acionar o Ibama.

De imediato, a população não aceitou porque sabia que as promessas do governo demoravam a chegar ao Cariri e a cidade estava por demais cinza, sem cor e sem os cantos dos pássaros.

José achava que tinha algo diferente e foi um dos poucos a não dizer nada. O delegado mandou todos irem para suas casas, que ia arrumar uma solução para o problema.

No outro dia de manhãzinha, José foi para o caminho que dá no sítio Caxingó e viu o velho Mundico passar com uma carroça cheia de gaiolas vazias e também alçapões.

- Que velho danado!

Acompanhou até onde pôde e o perdeu de vista. Cansado, se deitou embaixo de uma Craibeira e o tempo passou. Quando acordou, viu o velho Mundico dobrando uma curva com a carroça repleta de gaiolas e alçapões cheios de pássaros:

- Que velho danado!

José ainda acreditava que havia algo de diferente naquela situação, porque o senhor Mundico tinha um semblante muito tranquilo e os pássaros acompanhavam seu assobio pela estrada.

Resolveu que nem bem amanheceria ela ia à casa do velho e logo cedo estava realmente por lá. Bem em frente da porta da casa de Mundico, sentiu muita alegria ao ouvir o som de variados pássaros vindo da residência dele:

– Que velho danado! – exclamou admirado e bateu palmas em frente da porta da casa de Mundico:

– Ô de casa!

Depois de um tempo, a porta abriu e canções de paz saíram de dentro da casa velha.

– Seu Mundico?

– O que você quer menino?

Encantado com as vozes dos pássaros que vinham por dentro da casa, José não sabia o que dizer e nem o que pedir direito:

– Ah, eu queria comprar uma gaiola para eu ir buscar um Golado no Sítio Cabeça de Boi...

– Eu não vendo gaiolas – disse Mundico.

– Mas o senhor tem, não é? Posso entrar? – disse já colocando a cabeça para dentro.

Mundico sorriu e permitiu a entrada do menino.

– Chegue, entre.

José entrou na casa escura, cortada por raios de sol que vinham de algumas telhas quebradas, e viu pelos cantos da casa diversas gaiolas vazias. Isso o intrigou:

– O senhor não cria pássaros?

– Não. Os pássaros não têm donos.

– Mas para que tanta gaiola e alçapão dentro de casa?

Mundico olhou para criança e riu:

- Você também acha que eu roubei o canto da caatinga, não é? Os passarinhos que eu capturei, na verdade, procurei dar uma condição de vida melhor para eles, longe do deserto que se transforma nossa terra, da ganância dos homens, que acaba com o chão, os açudes, a terra e também os bichos. Você também acha isso, não é?

– Não, senhor!

José achava que sim. Mundico falou:

– Venha aqui!

E saiu na frente arrastando o tempo com ele, a casa escura, vez em quando tropeçando em gaiolas vazias e quebradas. Passou pelo quarto mais escuro e sem porta, chegou à cozinha onde um fogão de lenha tinha pontos vermelhos vivos, tocou em um pote gordo por fora e frio por dentro, alcançou a porta. Com dificuldades, retirou a tramela, olhou para José e sorriu. Escancarou a porta:

O que havia de escuro dentro de casa foi invadido por uma nuvem de cores e sons que até pareciam mágica. O velho Mundico foi além da porta com José ao seu lado

e todos os tipos de pássaros se encontravam ali, em um saudar maravilhosamente encantador: Azulões, Galos-de-campina, Canários, Golados, Rolinhas de todas as espécies da região, Casacas-de-couro, Lambus, Xexéus-de-bananeira, Sabiás.

O quintal de Mundico era uma reserva natural feita por ele. Lá não havia cercas, mas existiam quase todas as árvores que cedem seus frutos para a alimentação deles, havia também um riacho feito a partir de uma torneira, que servia para o beber dos pássaros e irrigação das plantas. Era um mundo verde. Quando Mundico se aproximou do quintal, os pássaros vieram para seu ombro e até para sua cabeça. Ele disse:

– O homem é o único bicho que destrói sua casa, que acaba com sua moradia. Acaba com a água, com a terra, com os seres viventes nela ou através de sede, ou pela caça predatória. Acaba com a terra desmatando sem necessidade, o homem não protege o ambiente. Desde que senti diminuir o cantar dos pássaros que resolvi criar esse canto. Aqui tentei refazer um pedaço do Cariri. Não vou salvar tudo, mas o pouco que eu fizer, os que virão depois de mim viverão mais um pouco.

José ficou encantado com a atitude e ao sair da casa resolveu não contar para a cidade. Ainda era cedo quando foi para sua casa satisfeito com sua intuição e com o que tinha visto. Ele percebeu que era seguido de perto por um Pintassilgo e seu cantar absolutamente fantástico. Em frente de onde morava, antes de entrar em casa, José fora convidado a escutá-lo, pousado em cima da porta aberta da casa, o Pintassilgo faz um verdadeiro show de cantoria. Seu canto atraiu outras pessoas, que saíam de dentro de casa e vinham de todas as ruas e, de repente, já era uma multidão calada e encantada diante de tal belo cantar. Repentinamente, o Pintassilgo levantou voo e foi em direção à casa de Mundico. Todos o acompanharam e viram que, cantando e voando, o pássaro pousou em cima da casa de Mundico e lá cantou mais forte e alto. Todos absolutamente apaixonados acompanham parados e com o olhar fixo no passarinho. A porta da casa

se abre, Mundico vê a multidão. Ele sai de casa e com todos olhando agora para ele, Mundico aponta o dedo indicador para cima. Quando todos olham, uma nuvem de pássaros, cores e sons invade a rua principal da cidade da Prata. Então todos os pássaros: Bem-te-vis, Papa-capins, Marias-fitas, Seriemas, Cancão, Concrizes, Lavandeiras, Viuvinhas, Canários, Bigodes, Rolinhas-caboclas, Tetéus, Anus- pretos e brancos, Graúnas, Periquitos-cara-suja e Gangarras... todos. Até os pássaros da noite como Bacuraus, Corujas, Mães-da-lua, Acauãs se postam nos fios de rede de tensão e ofertam à cidade uma sinfonia de paz e esperança. Desde esse dia, o brilho da cidade da Prata, no Cariri da Paraíba, é visto até pelos astronautas que estão em Marte e na Lua. Alguns dizem que eles escutam o canto de harmonia que os pássaros espalham na cidade.

A NASA não confirmou.

Os pássaros livres na natureza

Charles Moreira Oliveira Bezerra



Certa vez, um homem apaixonado pela natureza, morando em uma cabana no interior do Ceará, tinha como atribuição todos os dias, cuidar dos pássaros que lá pousavam naquela cabana coberta de palha de carnaúba. Então, esse homem colocava em uma gaiola com portas abertas grãos de milho, frutas e água para alimentar todos os passarinhos acostumados com aquele homem bondoso e amante dos pássaros e da natureza.

O interessante é que a gaiola vivia sempre de portas abertas e os passarinhos tinham o hábito de entrar para se alimentar e logo saiam para voar sem destino, viviam soltos e habitualmente realizavam praticamente a mesma refeição, pareciam viver em família com os ensinamentos daquele homem.

Até que um dia, o homem encontrou uma bela mulher na cidade e por ela se apaixonou. Depois de algum tempo juntos, resolveram casar-se e ela passou a morar na cabana. Porém, vendo todos os dias aquele cuidado do seu esposo pelos pássaros, aquilo lhe incomodava, pois ela não gostava daquela situação, era possessiva e tinha ciúmes até dos pássaros que roubava a atenção do seu esposo.

Durante muito tempo ela conseguiu disfarçar, mas um certo dia, o homem observando de longe os pássaros, viu a sua mulher espantando os pássaros da gaiola, aquela situação observada, deixou-o muito triste. Foi então, que ele começou a dialogar com ela sobre a importância dos pássaros para a biodiversidade do nosso planeta.

Aos poucos o homem foi explicando para a sua esposa que os pássaros exercem um importante papel na natureza, pois são responsáveis pelo equilíbrio e disseminação de árvores, já que as sementinhas são espalhadas por diferentes pássaros existentes no nosso meio ambiente.

Por fim, o homem e a mulher tiveram dois filhos e ambos trabalharam sempre em prol da natureza, ajudando a preservar e cuidar dos pássaros, pois estes pássaros, acordam e dormem encantando os amantes da natureza e por que não, das cidades também, mas o importante é que todos tenhamos a consciência e a sabedoria de zelar pela vida livre dos nossos bichinhos voadores.

O último retrato

Alex Rosa



Na parede da grande sala da casa de José estavam todos os seus troféus. Retratos de pássaros que ele mesmo fotografou. Ele sempre os exibia mostrando para todos que adentravam em sua casa e falando orgulhosamente como tirou cada uma das fotos dos pássaros. Algumas com certa facilidade, outras as exaltavam contando como foram meses para conseguir uma única foto.

Havia pássaros de todas as espécies, raros e corriqueiros. No centro da sala tinha um espaço vazio, que ele falava com determinação:

– Este espaço está guardado para o mais raro de todos: a Saíra-apunhalada.

José sabia que fotografá-la era uma missão difícil, já que era uma das espécies mais raras do mundo, até hoje houve raríssimos aparecimento, ficou cerca de 50 anos sem ser vista até ser avistada novamente em 1998. Seu anseio pela foto se transformava, aos poucos, em quase uma obsessão.

Todos os dias José preparava sua antiga câmera fotográfica ainda com filme de doze "poses". Falava que câmera digital era para quem não sabia fotografar, falava ainda que um artista não precisava pintar mil retratos para escolher um bom, e saia para a mata em direção do lugar que ouvira falar do aparecimento do tal pássaro.

– Lá vai você Zé com essa câmera de novo?! – resmungou Lourdes, sua esposa, em meio a tosses abafadas durante a frase.

– Me deixa mulher e vê se cuida dessa tosse – revidou José, dando-lhe um beijo de despedida.

Certo dia, antes da rotineira preparação para sua incansável caçada, Renata, sua filha o chamou a atenção,

falando que sua mãe estava cabisbaixa há dias. Mesmo contrariado, José foi até ao quarto saber o que estava acontecendo, certo de que perderia tempo com as bobagens de sua esposa.

– Oi! Renata falou que você está de "graça" pelos cantos.

– Como assim? - questionou Lourdes.

– Ela falou que você está triste, é verdade?

– Depende, se você precisa de sua filha para perceber isso, não estou não, estou bem!

– Que bom então.

José saiu sem olhar para trás, quando ouviu uma voz atingindo sua nuca.

– Só acho que você está perdendo tempo demais com essa mania de fotografia e não liga mais para a sua família – falou enquanto tossia levemente e colocava um pano em sua boca.

– Não fale besteira, mulher, é só uma distração. Além do mais, isso logo vai acabar, acho que hoje é o meu dia de sorte.

Lourdes calou-se diante da desculpa, enquanto olhava para os retratos, nenhum que merecia uma foto sua.

– Essa câmera só registra coisas que você ama, não há espaço para sua filha e eu.

José ficou furioso, gritou para sua filha, que prontamente correu até ao quarto, e pediu para que as duas fizessem uma pose. Lourdes não concordou com a atitude, mas, certa de que já tinha desafiado demais o seu marido, esboçou um sorriso enquanto se esforçava para não tossir.

José saiu caminhando firme, sem ao menos dar o beijo costumeiro enquanto repetia em seus pensamentos a frase de Lourdes: "Não ligo para minha família", ela só pode estar de sacanagem comigo. "Nunca faltou pão na mesa, e ainda tenho que ouvir isso, ah, mas quando eu voltar teremos uma conversa séria".

Ainda perdido em seus pensamentos avistou algo que o paralisou. José quase não acreditou quando viu no galho fino de uma árvore, um pequeno pássaro preto e branco, fazendo contraste com uma mancha vermelha perto da garganta. Parecia até que o pássaro havia sido "apunhalado" no peito. José não se conteve de euforia, frente a frente à Saíra-apunhalada, seu troféu mais precioso. Estava diante do retrato que faltava para sua coleção. O seu maior objetivo. Depois de anos e anos de busca, finalmente seria recompensado.

José pegou sua câmera, ajustou o "iso", a "abertura" e a "velocidade" com maestria e orgulho de seus domínios. Convicto de que poderia ter sido um fotógrafo profissional apontou a lente para o pássaro, controlou sua respiração e se concentrou enquanto sua ansiedade vertia em forma de suor pela sua testa. No auge de sua vaidade achou o ângulo perfeito, mas no primeiro click o pássaro voou para outro galho. José estava tranquilo, pois sabia que tinha mais onze tentativas. As quais, uma a uma, foram se esgotando com a repetida cena até faltar apenas um click, consequentemente a última chance. José sabia que não poderia perder aquela oportunidade, colocou toda a sua concentração e sua experiência naquela última foto e quando apertou o botão ouviu um clique seco. Não havia mais fotos a serem tiradas, confuso olhou para a câmera e se lembrou da foto que tinha tirado de sua esposa e filha horas antes.

O estresse que sentiu pela manhã e que ainda remoía em seu peito – esquecido apenas quando viu o pássaro – voltou à tona agora com mais fervor, alimentando uma raiva insana por ter perdido a foto por conta de caprichos. Em um segundo de loucura, José deu um grito que ecoou pela mata e começou a caminhar em direção à sua casa, com meias verdades entaladas em sua garganta e prontas para serem disparadas contra Lourdes. O pássaro desta vez voou para longe, levando em suas asas as dúvidas do acaso.

O caminho de volta serviu para José controlar sua fúria e colocar suas ideias no lugar. Afinal, ninguém tinha culpa por seus erros e, intimamente, sabia que estava em dívida com a sua família. Os passos serviram de calmante e o resumo do dia em sua cabeça criou uma nova perspectiva em sua mente. Ainda tinha um incômodo por ter perdido a foto, no entanto, estava disposto a dividir isto com a sua mulher e estabelecer uma nova relação entre os dois. Chegando à casa todo resquício de raiva esvaiu-se, dando lugar à preocupação em forma de um tenebroso arrepio ao encontrar sua casa vazia.

* * *

Uma semana depois, quando José revelava as fotos, não conteve as lágrimas ao ver o sorriso triste de sua esposa e se perguntava: Quando será que ela havia perdido aquele sorriso encantador de outrora? Há quanto tempo estava doente?

Sentado na cadeira de balanço, José suspirou quando viu a Saíra-apunhalada pousando em um galho à sua frente.

Não havia mais espaço para o retrato, entre o silêncio dos pássaros "capturados" estava o retrato de seus dois maiores troféus em uma fotografia mal tirada.

José sentiu um pequeno entusiasmo para pegar a sua câmera, mas não queria acordar a sua filha que repousava em seu colo. O pássaro sabia disso quando cantou e voou sem destino, deixando para trás uma punhalada no coração de José ao perceber qual foi o último retrato.

Sinfonia inacabada

Francisco Cau



Estava eu deitado em minha cama e na mansidão do amanhecer, fui despertado por uma sinfonia inesperada, pelo pardalzinho no telhado a batucar, quebrando o caramujo e o silêncio da madrugada, como a marcar o ritmo da orquestra.

Enquanto isto, no vaso da samambaia, um casal de sebinhos alimenta seus filhotinhos em meio a uma desenfreada e alucinada cantoria, parecendo mais uma ária de Verdi.

Ao mesmo tempo, lá na frente, no último galho do frondoso flamboyant, o sabiá-laranjeira entoa seu assobiado, tal qual o violinista encantado a chamar a sua amada.

O concerto foi abruptamente interrompido, o pardal já não batuca o caramujo, os sebinhos satisfeitos silenciaram, o sabiá já não canta mais, voou para outra morada. Eles passarão e eu passarinho, renovado, voltei a dormir com minha amada.

O menino que tirava música até das árvores

Hilda Curcio



Em 23 de março de 2017 eu quis contar esta história. Pedro Henrique, nascido na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, é um menino franzino, sorriso aberto e franco, sempre o mais alto da escola, porém, a timidez o escondia...

Desde bebê, fazia sons instigantes com os lábios, provocando admiração e risos aos familiares mais próximos, que ainda não haviam visto criança assim tão sonorosa, uma belezura, uma gracinha mesmo, principalmente, para seus pais e suas madrinhas. Cresceu pegando qualquer lasca de árvore caída ao quintal – ou algo que parecesse uma batuta – e batucando em alguma lata vazia esquecida ao canto. Sempre alegrava a família por tamanha curiosidade ao criar barulhos diversos a fim de descobrir sons, rastrear melodias. Na maioria das vezes, ele conseguia reproduzir todos, igualmente ou melhorados, porque ainda os tinha guardados na memória prodigiosa.

Vez ou outra seu pai, recém-chegado do trabalho, virava baterista; sua mãe, flautista, soprando um talo de mamão com pequenos e desiguais buracos burilados pelo menino; irmãos e primos, com uma caixinha de fósforos na palma da mão, ou simplesmente dançando, e ele segurando algo que rapidamente perdia a utilidade original ganhando o ofício de microfone.

Os sons que mais o impressionavam eram os dos sinos da Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Linhares, badalados manualmente, o da banda de música que surgia no coreto, com movimentos tão harmoniosos, em uma festa produzida pela prefeitura da cidade, ou o da fanfarra da escola no sete de setembro. E o grande sonho de estar nesses eventos, desfilar, tocar qualquer que fosse o instrumento que, certamente, aprenderia na maior rapidez, como num passe de mágica, pois, para ele, todos os sons

eram magia – o canto dos pássaros que voavam livremente pela redondeza, o vento movimentando as folhas das árvores, as águas da cachoeira... Não raras vezes foi pego tentando subir nas mangueiras do quintal alheio por suspeitar que houvesse em algum de seus galhos um ninho de passarinhos que por ali ouvira cantando. Mas, algo diferente precisava ocorrer em sua vida de criança do interior.

Certa vez, encontrou um toco de pau extirpado pelo forte vento da chuva da noite, começou a bater no tronco da mangueira, com bastante cuidado, para verificar como as aves ficaram depois da tempestade. Notou, porém, um som estranho vindo de dentro da árvore, pensou em parar para não espantar os pássaros nem interromper o seu trinar, mas prosseguiu, no afã de sabê-los todos vivos; pois não queria perder sua orquestra de passarinhos; no entanto, parou com o batuque no tronco, resolveu assobiar, e foram tantos os assobios que... Ouvidos atentos. Olhos detetives. Talvez eles tenham feito esta árvore de lar, aliás, ela é alimento e também abrigo da passarada, sustentou o menino que não se importava com as cores dos pássaros, apenas, com a liberdade para estarem onde se sentissem felizes.

Então, a chuva acalmou. Era o momento ideal para nosso observador de pássaro agir. Decidiu, assim, subir no tronco para que seus olhos vissem de pertinho o ninho com seus inquilinos de asas. Quanto mais subia menos certeza tinha de que os encontraria bem, porque não ouvira seu canto desde que a manhã fora anunciada pelo nascer do sol. Sem se permitir ficar triste, mas estando bastante preocupado, o garoto continuou sua escalada, assobiando mais baixo, à medida que se aproximava do local, para não os incomodar. Sim, não queria, mas ficou penalizado ao ver vazio o ninho que tanto vigiara; não havia nele nem uma pena de passarinho para que pudesse cheirar e os reter na lembrança, senão o rastro da cobra-cipó verde, provavelmente, com um pássaro à boca. Decidido, apenas guardou aquele lar solitário em segredo. Ninguém poderia derrubá-lo, pois um passarinho haveria de querer se hospedar nele algum dia. Era, desse modo, sua pequena imobiliária.

Certa manhã, o garoto acordou mais cedo que de costume, alimentou suas galinhas Bonitinha, Frangão, Tuty Tuty, Xena e o galo Preguiçoso, depois pensou: – Ainda bem que as aulas são à tarde, assim posso procurar ninhos à vontade... –, foi quando ouviu bem junto dali um chilreio. Era outra árvore... Seria outro pássaro? Olhou, assuntou, tocou no tronco, por fim, iniciou a escalada, mas se lembrou de que esta ave com sua prole precisariam de um lar, por isso ele havia mantido aquele ninho esvaziado pela outra família. Então, deixou a curiosidade de lado por um instante e voltou àquela árvore, subiu, arrancou cuidadoso o ninho vazio tal se manuseasse uma joia delicada, ou dedilhasse um instrumento de cordas bastante suave, escolhendo um galho mais seguro e bem alto para o novo cantor-despertador de suas manhãs abrigar seus filhotes. Por certo o passarinho quereria morar nesse local, já, todo arrumadinho.

Para o menino, era impossível viver sem canto de pássaro, sem os sons das folhas ao vento e os toques nos troncos daquelas árvores. Além disso, os bichos não têm hora para cantar, pular, viver, enfim, nem para sumir de nossa presença. Em sua sabedoria infantil, no entanto, percebia isso, mas sentiria saudade daquele pássaro se ele desaparecesse também, em revoada, voejando em família.

Foi então que... Teve mais uma ideia engenheira – pediu a sua mãe que lhe desse o caixote velho, já vazio, após ter vindo da feira cheio de frutas e verduras e haver sido largado pelo pai debaixo do tanque, no intuito de executar mais uma das suas... obras. Retirou-lhe todos os pregos com o martelo do pai; juntou mais pertinho as ripas da caixa esburacada, deixando pequenas frestas e um vão quadrado, bem limpinho, livre de farpas, para que as aves pudessem entrar e sair em segurança sempre que necessitassem, e esperou. Apenas esperou – Pedro Henrique sabe que não se deve invadir o lar de ninguém. E os pássaros sabem se defender, no entanto, nem sempre o conseguem.

Sem que ele percebesse, lá longe, já se avistava um pequeno bando à procura de um lar. O menino se afasta, põe-se à espreita e, num instante, o pai-pássaro pousa na

portinha de entrada, constata que o local é seguro e limpo. Em seguida, a mãe-pássara também entra acompanhada do filhotinho, e o lar-ninho volta a se encher de alegria.

A liberdade das aves é também sua maior beleza – sempre repetia Pedro Henrique, o pequeno filósofo da liberdade das aves.

E, quando alguém o procura ou apenas pergunta sobre ele, fica implícito que se trata do menino que tira música de tudo, até das árvores.

As notas de uma canção

Agnes Izumi Nagashima



O coração inquieto refletiu na face tensa. Em meio a dias nublados de números e cifrões, sorrisos forçados e lágrimas, a melodia das músicas era seu escape e salvação.

Começou a composição, entre solfejos de notas, o início de uma nova canção. O som do piano ecoou em todo o ambiente. Ela vivia fechada em seu quarto na companhia de seus instrumentos musicais.

Seu sonho era tocar em uma orquestra sinfônica. O problema maior era que não sabia qual era o seu preferido, para escolher apenas um, para participar da banda municipal.

Sabia que precisava se encontrar, estava dispersa de seu objetivo. Para ser selecionada, ela precisava além de tocar um instrumento de forma diferencial, compor uma música que agradasse a banca avaliadora.

A maior parte das músicas, ela conseguia apenas o começo, depois não vinha uma inspiração. Olhou para os instrumentos ao seu redor, piano, violino, clarinete. Olhou para os livros de poesia na estante. Olhou para os quadros de aquarela que pintou quando criança.

Foi quando o silêncio se rompeu com uma melodia desconhecida. Ela abriu a janela e descobriu de onde vinha esse canto tão diferente. Era de um pássaro de olhos azuis arregalados, as penas pretas e a parte posterior das costas manchada de tom vermelho.

Ela acelerou os passos para o jardim. Não queria perder de vista esse pássaro tão bonito e que a despertou para um novo sonho.

Seus olhos seguiam o voo, e as orelhas seguiam o canto. O pássaro parou em frente ao ninho, que era também muito diferente, formado de gravetos trançados dependurado no galho de uma árvore. Ficou encantada.

Sentou-se próxima a árvore e continuou a observar. Fechou os olhos. A textura das gramas em seus dedos, um aroma floral, o sol aquecendo a pele e a refrescante brisa em seus cabelos.

Com essa sinestesia, começou a escutar outros cantos. Cada um formava as notas de uma canção. E foi assim que ela conseguiu compor uma melodia musical. Toda inspirada na sinfonia de pássaros.

Dessa forma, ela conseguiu passar na seleção. Era feliz por fazer parte da orquestra. Toda vez que precisava compor alguma música, sentava-se no gramado para escutar os pássaros. Cada um com seu canto, com suas formas e cores.

Com o tempo ela começou a conhecer cada um dos integrantes dessa bela orquestra da natureza. O primeiro, que foi aquele que a despertou, virou o nome de sua primeira música: o canto de um guaxe. Depois observou a constante presença do canário-da-terra, do bem-te-vi, do sabiá e da andorinha.

As nuvens cinzas de sua vida se dissiparam na liberdade das notas mais belas de uma canção. Cada uma com sua particularidade em uma sinfonia de cantos de pássaros.

O canto da jandaia

Raul Castro Brasil Bêco



Estava sentado em uma barraca, eram 5:30 da manhã, mas não uma barraca qualquer, era uma barraca de praia, montada por mim mesmo.

Eu olhei ao meu redor e não vi ninguém, eu estava só, minha esposa e filhos ainda estavam no hotel dormindo, afinal a vida de quem acompanha a energia eterna de filhos não tem sossego.

Então havia escolhido aquele momento só para mim, para eu estar somente com os meus pensamentos, sei que a maioria das pessoas escolhem o pôr do sol, bater fotos com a família, entretanto, eu não, eu escolhi o nascer do sol porque queria estar livre, porque queria estar só.

Aquele nascer do sol era apenas para mim, não havia mais ninguém próximo, sem perturbação, sem distrações ou preocupações, eu, apenas eu.

Foi quando olhei para o lado e contemplei umas palmeiras com uma mata rala e selvagem, bem de nosso bom agreste de nossa boa e maravilhosa terra de Fortaleza.

Enquanto o sol nascia senti um repentino desejo de andar em torno daquele pequeno oásis praiano e resolvi explorá-lo, a barraca não sairia de lá, e me sentia impelido pelo desejo de penetrá-lo como um desbravador que alça a conquista pela primeira vez.

Sentia lá dentro de minha alma uma nova energia, como se aquele nascer do sol invadisse a minha alma e a alimentasse, era como se o horizonte me chamasse dizendo: "Vai, caminha!"

Eu não suportaria lutar contra esse desejo sem realizá-lo.

Levantei, ergui-me na mesma leva que o sol repetia meu gesto.

Caminhei, como o sol que agora faz seu nítido e majestoso trajeto.

Cheguei ao destino, como o sol que em breve cumprirá seu desígnio.

Aquelas palmeiras, aquela mata exalavam um cheiro novo e desconhecido, algo que me tranquilizava, entretanto, não sei o porquê me entristecia.

Foi quando ouvi um som que antes não conhecia, e meus ouvidos estalaram e despertaram para o novo. Eu vi um lindo periquito, ele passeava e girava em torno de uma palmeira, quando me detive com atenção vi que era a mais frondosa e mais erguida de todas, como uma torre majestosa que se ergue e subjuga todas as outras.

Direcionei novamente minha vista para o periquito e somente quando ele pousou pude melhor vê-lo, era um jogo de cores curioso, sua cabeça era um amarelo aberto como se parodiasse o próprio sol, o peito era um forte laranja, como a aurora sobre as nuvens, e somente quando ele se virou, vi o resto de seu corpo, suas costas eram verdes, um verde que lembrava a cor de nossa bandeira, observando melhor, era o mesmo verde daquela palmeira.

– Que periquito bonito! – e pela primeira vez ousei eu interagir com seu canto.

– Sabe qual o outro nome dele? – interrompeu-me um homem ignoto, de roupas ignotas.

Como não o vi chegar? Ele havia me seguido?

– Pois não, amigo! – tentei ser educado, mas confesso que estava preocupado.

Contudo, ao vê-lo, algo me tranquilizou, puder contemplá-lo e vi seus loiros cabelos, seus olhos azuis que pareciam verdes, como a cor do mar.

– Jandaia é o nome dela.

– Jandaia? Não é um nome de um suco?

Ele ria mansamente e se aproximou de mim.

– Que tem um pássaro como slogan.

– Sim, é verdade.

– Você é cearense?

– Sim. Sobral.

– Olha que interessante, sabia que Jandaia é o símbolo de nosso Ceará? Muitos a chamam de Aratinga, e são grandes companheiros.

– Pois esse aí está sozinho, não tem ninguém.

– Ninguém nessa vida voa só amigo, a solidão às vezes está mais dentro do que fora de nós.

E aquelas palavras penetravam fundo e abriam como se fosse uma fenda em meu coração.

– Esse pássaro, continuou ele, escolheu ser livre de outro jeito, ele vive aqui como guardião, guardando meu grande amor.

– Seu grande amor? Por acaso seu grande amor é uma palmeira?

– Na vida, nós amamos três coisas: a pessoa a quem conhecemos e juramos amor eterno; os frutos que essas pessoas nos deixam e tudo aquilo que nos lembra dela. A Jandaia é um dos seres que me faz lembrar dela. Foi sua companheira durante seus dias finais, enquanto eu não puder com ela estar. Pois os pássaros voam, amigo, para nos lembrar constantemente de que nunca estamos sós, são como se fossem a reflexão do próprio divino, que quando achamos que estamos sozinhos eles estão ali, para nos lembrar de que não há mais solidão. Sorte a sua se ainda tiver seu grande amor; feliz se ainda tiver com ela filhos, porque eu amigo, não tenho a primeira das que agora citei.

Aquilo foi profundo, aterrou-me por inteiro, veio imediatamente uma vontade imensa de ver minha esposa, de ver meus filhos, de abraçá-los, de dizer que os amo, de fazer seus gostos e seus caprichos, tudo para vê-los bem, para vê-los sorrir, eu queria estar com eles naquele momento.

Contudo o homem pediu mais um minuto para contemplar em silêncio a Jandaia, e ali fiquei com ele olhando o pássaro que cantava belamente e passeava nos longos talhes da palmeira.

E ali fiquei compenetrado de paixão ao vê-lo, um fogo ardia-me o peito, quando me virei, não vi mais o homem, não o vi, como ele havia saído assim tão repentinamente como se fosse um fantasma? Nem tive eu a chance de agradecer os conselhos, de lhe perguntar o nome, se estava no mesmo hotel em que eu estava.

Decidi sair dali e correr para os braços de minha esposa, de afagar eternamente as bochechas de meu filho e de sorver aos cheiros os cabelos de minha filha ondulados e negros como as asas da graúna.

O canto da Jandaia era muito bom de ouvir, entretanto, precisava me retirar e me retirei com um profundo pesar. Já chegando em minha barraca, virei-me de costas para um último adeus visual, foi quando percebi que aquele oásis não estava mais lá, só havia areia, dunas e dunas de areia, solidão, solidão, solidão.

Então foi uma alucinação? Fora tudo uma invenção de minha cabeça, e as palmeiras, o homem, a Jandaia?

Voltei para o hotel triste, mas feliz de vê-los os três ainda dormindo, minha filha foi a primeira a acordar e logo foi para meu colo. Aqueles seus oito anos já começava a dobrar minhas costas; a dor valia a pena.

Foi quando repentinamente ela apontou para a sacada do hotel.

– Pai! – e virou fortemente meu rosto.

– Olha, olha! Um passarinho!

E vi a mesma bela Jandaia que havia visto no meu oásis imaginário, entretanto, foi somente quando ela cantou pude ouvir algo diferente, eu ouvi uma palavra sonora e única de nosso Ceará:

– IRACEMA!

O passarinho

Adriano Besen



Lembro-me do irmão João, um amigo da família. Ele era pastor na igreja que a minha avó frequentava. Apesar de eu não frequentar a igreja, me dava muito bem com o pastor João. Eu era um jovem rebelde com 17 anos na época, e o pastor, um homem de meia idade. Como éramos amigos, zombávamos um do outro, vivíamos contando piadas e dando risadas. Tínhamos uma relação de respeito e muito agradável. Acho que no fundo ele sonhava em me converter para sua igreja; ele dizia que eu era a ovelha que faltava em seu rebanho. Acabei apelidando o pastor de irmão John.

Certo dia, o irmão John apareceu na minha casa com um "presente de grego". Dentro de uma caixa de sapato, ele trazia um filhote de passarinho, parecia recém-saído do ovo. A minúscula ave não tinha pena, era totalmente pelada e parecia estar desesperada por alguma comida, pois não fechava o bico um segundo. O irmão John disse que estava trabalhando no quintal da igreja após um vendaval e encontrou o filhote de passarinho no gramado; provavelmente havia caído do ninho de alguma das enormes árvores da propriedade. O filhotinho era tão novinho que nem dava para saber que espécie de ave era aquela.

Irmão John disse que assim que encontrou o pequenino desabrigado e órfão no chão, lembrou-se de mim imediatamente; como se estivesse recebendo um sinal de Deus. Segundo o pastor, por conta do meu respeito e amor pela natureza, ele tinha a certeza de que eu saberia o que fazer com aquele filhote de passarinho. Alimentar e cuidar daquele "minúsculo projeto de ave" não seria uma tarefa simples. Aquele filhotinho corria o risco de não resistir; afinal, havia caído do ninho e passado por um grande estresse. Além disso, a presença dos pais era fundamental em condições normais na natureza. Seria uma missão cansativa e até científica.

O pastor me entregou a caixa de sapato com o filhotinho dentro, me desejou boa sorte e foi embora dizendo que ele e Deus confiavam em mim. Acho que aquilo era algum tipo de teste ou uma lição religiosa que ele queria que eu experimentasse. A verdade é que eu ainda não sabia, mas aquela se tornaria uma experiência incrível para mim. Olhei novamente para dentro da caixa. O bichinho estava vivo, bem ativo e acomodado sobre um chumaço de algodão que imitava um ninho; coisa do irmão John.

O pastor tinha me instruído para alimentar o filhote com uma mistura de fubá e água, que formasse uma espécie de papinha bem líquida, assim eu poderia colocar na boca do bichinho usando um conta-gotas. E foi isso que eu fiz; primeiro a cada hora, e dias depois, a cada duas horas e mais alguns dias, a cada três horas. Dava para ver que o bichinho crescia rápido, piava sem parar; e vivia esfomeado. A partir daí, introduzi no "cardápio" da pequenina ave algumas minhocas; ele adorava.

Aceitei aquele compromisso por "livre e espontânea pressão"; afinal, o irmão John havia me convencido de uma maneira que me senti praticamente desafiado. Fui me acostumando com a rotina de cuidados com aquele filhotinho que já se notava umas plumas querendo se transformar em penas; era um bom sinal. O bichinho precisava de um nome e eu o batizei de MacFly, inspirado no personagem principal de um filme que assisti na televisão. Fui me apegando ao MacFly, ele já me reconhecia quando eu chegava perto e abria o bico, pedindo mais comida e piando sem parar.

MacFly foi crescendo com rapidez, comia bem; inclusive de madrugada. Eu colocava o relógio para despertar e levantava para alimentar aquele bicho esfomeado. Algum tempo depois, MacFly já tinha se tornado um passarinho adulto. Ele já comia sozinho, estava coberto de belas penas e tinha uma cor castanha escura, quase negra. Na luz do sol, suas penas ganhavam um tom azulado, brilhante. Era uma ave linda.

O passarinho voava, mas sempre voltava para dentro de casa. Quando eu saia para a rua, MacFly me seguia. Ele voava e ia pousando de árvore em árvore. Quando eu chamava por ele assobiando ou estalando os dedos como quem chama um cachorro, ele vinha voando e em um rasante espetacular, pousava no meu ombro. As pessoas ficavam fascinadas com minha relação com aquele passarinho. Eu ficava todo orgulhoso, como um pai ficaria do filho. Todos perguntavam como eu tinha conseguido estabelecer aquele grau de intimidade e amizade; então eu contava toda a história do irmão John e o filhotinho órfão.

Descobri que o MacFly era um passarinho da espécie Chupim. Pesquisando sobre essa espécie, se descobre muitas coisas interessantes. O Chupim costuma colocar seus ovos no ninho de outras aves, para que essas alimentem os filhotes. Muitas vezes os tico-ticos adotam os filhotes de Chupim. A natureza é cheia de dramas. Em outras palavras, o filhote de Chupim começa a sua jornada sendo abandonado quando ainda está no ovo. Para a sorte de MacFly, sua história se cruzou com o irmão John e comigo.

Sinceramente, achei que o MacFly viveria comigo até morrer de velho. Eu o tinha como um bichinho de estimação. Era uma ave muito inteligente e amável. Eu conversava com ele e ele movia a cabeça, me dando atenção. Ele dormia em uma caixinha aberta que construí em madeira, tinha poleiro, comida e água. MacFly estava livre para ir quando quisesse; e assim ele o fez.

Em um dos nossos passeios pela rua, MacFly me acompanhava como sempre fazia. Pousando de árvore em árvore, dando seus esplêndidos rasantes e pousando em meus ombros. De repente, quando passávamos por um campo, surgiu um grande bando de chupins e tico-ticos. As aves pousaram nas árvores próximas fazendo uma tremenda algazarra. Notei que MacFly ficou agitado, bateu asas e voou em direção ao bando de chupins e tico-ticos. Fiquei olhando e esperando para ver o que acontecia.

Pensei que poderia haver alguma briga entre as aves e o MacFly; afinal, ele nunca conviveu com passarinhos

silvestres. No entanto, alguns minutos depois, MacFly voltou em um rasante "supersônico" e pousou novamente em meu ombro. Ele estava muito agitado e barulhento; parecia estar me contando algo. Aquela euforia toda era com certeza uma despedida. MacFly saiu do meu ombro e voou novamente para a direção das aves que o aguardavam em uma árvore. De lá, todos os chupins e tico-ticos voaram livres e desapareceram no horizonte.

Fiquei com um nó na garganta e só me restou uma mistura de saudade e alegria. Saudade que eu sentiria do meu querido amiguinho e alegria de saber que ele havia encontrado o seu lugar, os seus iguais, um bando que o aceitou. Talvez MacFly tenha encontrado uma parceira. A verdade é que a natureza havia retomado novamente o seu curso natural. Eu havia aprendido muito com aquela experiência. Ajudei um passarinho e o passarinho me ajudou. Quando contei a emocionante história ao irmão John, seus olhos lacrimejaram.

Parei para ver um beija-flor

Vilma da Silva Santos Zani



Voltando para casa à tardinha, após um cansativo dia de trabalho, ouvi um estalido de beija-flor se destacar entre os sons de freadas, buzinas e motores do trânsito congestionado. Procurei ansiosa pelo passarinho que tanto admiro e eis que ele ia e vinha, entre as flores roxas de um arbusto alto, que se derramava em direção à calçada, atravessando seus galhos pela grade de um jardim.

Fazia um voo cheio de acrobacias, parecia uma criança feliz que saltitava enquanto se alimentava. Senti uma repentina inveja daquela criaturinha tão luminosa em sua forma de vida, simples e tão bela como é a própria avezinha.

Sabia que iria perder o ônibus naquele horário se ficasse ali, apreciando a natureza. Senti-me na obrigação de correr em direção ao ponto de parada, mas a graciosidade da cena me obrigava a parar para refletir:

"Afinal, por que a pressa? Não há ninguém com uma faca às minhas costas me obrigando a correr!"

O beija-flor estava ali, se divertindo e comendo, às vezes se afastando das flores devido aos pedestres, mas sempre voltando. Não estava "nem aí" com o trânsito da cidade, com a internet, com os problemas do mundo, muito menos comigo ou com o relógio...

Concedi ao meu olhar o prazer de parar, só para contemplar o beija-flor, mas uma moça vinha na calçada em nossa direção, absorta em seus pensamentos e com a face dura e bem mau humorada. Eu não queria que espantasse o bichinho, adiantei-me até a moça para pedir que se desviasse. Ela fez um gesto de desprezo como se eu fosse uma louca, urrou impaciente porque lhe roubei alguns segundos de seu tão precioso tempo e atenção... e por algo sem valor assim... fiquei triste por ela, triste ao ver aquela valiosa e pequena joia verde-negra, voando veloz para longe outra vez.

Segui meu caminho, o próximo ônibus demoraria ainda, segui sem pressa, prestando atenção ao vento, aos diferentes cantos de pássaros, aos tons de laranja e amarelo do entardecer.

Como é linda a criação de Deus, todos os dias Ele nos presenteia com tantas maravilhas para olhar, sentir e tocar! Não importa seu saldo bancário, sua aparência, seus problemas, etc. O céu está ao alcance de seus olhos para admirar, quantas são as flores, perfumes e cores, o vento, tudo de graça para se contemplar.

Mais triste do que não ter o privilégio de ver, é não querer ver essa gloriosa criação, insultando o grande autor dessas maravilhosas obras de arte espalhadas ao nosso redor. A beleza e grandiosidade das coisas, falam conosco até através de uma folhinha de árvore que cai, pelas gotas de chuva, passarinhos, borboletas e sorrisos de crianças. Vejo então que são uma multidão de cegos que correm pelas ruas.

Ainda antes de chegar à esquina parei mais uma vez, não resisti e voltei a olhar para trás, lá estava ele retornando às suas flores, majestoso em seu voo único! Agradeci profundamente por essa tarde, pela aula desse dia! Obrigada, criaturinha bela e sábia da natureza, carregue em suas asas o meu olhar que pousou com deleite, uma parte de minha alma lhe seguirá em seu balé de voos espetaculares.

O homem que ensinava a voar

Hélio Guedes



Um barulho nas folhagens, uma queda no gramado e um gatinho a perseguir. Como pode um passarinho não voar? Olho para cima e vejo um ninho destruído. O gatinho tenta concluir sua tarefa. No salvamento, recolho aquele filhote na mão. Um pouco de água na cabeça o recupera, mas é tão pequeno e frágil, quase sem penas, que isso se torna um grande problema. Que estranho! Nunca vi uma andorinha com uma penugem vermelha no rabo. Certamente uma rara disfunção, mas, claro, linda.

O gatinho? A essa altura já sumiu e fico com o meu amigo agora protegido. Sinto seu coração em marteladas e os olhinhos em pequenos pontos desesperados de terror. O que posso fazer? Soltá-lo? Nem pensar, pois sua sorte será certa. Não voa, anda com dificuldade e como se alimentaria? Sua mãe voltará para buscá-lo? Não sei. O melhor é esperar.

Passam as horas, nada! O que faço? Vou procurar sua mãe pelos arredores. Isso! Achei. O gatinho já tinha terminado seu serviço. Agora sou eu e você, seu peladinho. Tenho que pensar em como vamos conviver.

Primeiro passo: o filhotinho terá que comer alguma coisa. O que come uma andorinha? Vou tentar larvas e mosquitinhos e, certo, tenho que caçá-los. Após muitas tentativas com redes e subidas em árvores, creio que consegui o suficiente para alimentá-lo por uns dias. Completei meu desafio com uma tijelinha d'água para sua hidratação e banho.

Segundo passo: após à alimentação, ele tem que ter uma casinha para proteção contra predadores além do gatinho, principalmente os gaviões e corujas, muito espertos pelas manhãs e noites. Além disso, não posso ignorar os ratos e esquilos que adoram filhotes de pássaros. Ah! Como poderia esquecer? Uma caixa de sapatos com alguns furinhos, permitindo assim a respiração e um pouco de "erva de passarinho" para aconchego e descanso.

Agora com sua subsistência e segurança garantidas, tenho que pensar como será a sua vida. Certamente terá que aprender a voar. Como vai aprender, se já não tem mais sua mãe? Terei eu mesmo de ensiná-lo.

Primeira aula: meu aluno terá de ficar a certa altura do chão e não ter medo, mas não sem antes fazer alguns exercícios de pilates para fortalecer as asinhas e pernas, sem esquecer de algumas sessões de alongamento e musculação: 1,2,3 - 1,2,3 - 1,2,3 - 1,2,3. Assim fizemos e até pensei em lhe colocar umas caneleiras para reforçar suas perninhas, mas não as encontrei e a solução foi improvisar uns pesos com pequenas arruelas de plástico, pois as de metal eram muito pesadas.

Segunda aula: apesar de não ser especialista, tenho que lhe transmitir noções de aerodinâmica, pois o controle sobre o vento será muito importante para a sua sobrevivência. Tenho que colocá-lo contra as correntes de ar para que possa sentir os impactos quantas vezes forem necessárias. Assim o fiz e, para minha surpresa, nosso companheiro teve um excelente desempenho.

Terceira aula: vamos treinar alguns voos rasantes perto da grama, não esquecendo de tomar cuidado com o gatinho, pois esse é muito ágil, além de ter toda a atenção com os gaviões que aparecem sempre do nada. Após algum tempo, tivemos um bom progresso, coisa bem animadora. Nota 8!

Aulas seguintes (práticas): subo com ele em um galho, primeiro não muito alto, e o lanço a favor do vento, mas o danadinho encontrou dificuldades para bater as asas. Após as primeiras vezes em que encontrou o chão, tentei outras alturas. Após muitas tentativas, tivemos uma nota 9! Muito bom!

Assim se passaram sete dias em intensivas aulas até que, na manhã do dia seguinte, com um céu azul, deslizou para as alturas mostrando-me, cada vez menor, aquela pluminha vermelha no rabo. Nunca mais o vi. Confesso que fiquei triste. Estava até pensando em lhe dar um nome: Belinho ou Belinha. Pelos olhos pequenininhos, acho que era Belinha.

Passaram-se assim os dias...

Onde estará Belinha? Tenho saudade daquele pequeno ser que um dia cruzou comigo com aqueles olhinhos. Algumas vezes, surpreendo-me olhando o céu na busca impossível, pois ela certamente tem sua vida e eu a minha.

Apesar do pouco tempo em que estivemos juntos, Belinha me despertou sentimentos: como deverá ser o mundo visto lá de cima e como seria viver sem barreiras para sonhos e aventuras? Aqui, a sensação é de estar enraizado a um corredor sem fim na busca do nada. Uma manhã, uma tarde, uma noite, outra manhã, outra tarde, outra noite, sucedendo-se em uma interminável rotina. Como deve ser o vento batendo em meu corpo transportando-me para um abrigo quando de uma forte chuva? Qual será o gosto de uma pitanga provada ao amanhecer de um dia de primavera? A cada dia, estes pensamentos tornavam-se cada mais instigantes e perseguindo-me.

Passa-se mais o tempo...

A grama está alta. Tenho que apará-la e, para isso, busco o cortador bem afiado, as tesouras em perfeito corte e vassouras à mão. Ótimo dia para o trabalho. Ar puro, céu límpido e o calor do sol. Tudo perfeito, mãos à obra e suor na testa.

Sem notar, distraído, não vi a tarde caindo. Agora, um ruído ao longe crescendo a cada segundo parecendo-me familiar. Não sei, mas parece ser uma tempestade se aproximando. Cada vez mais perto e mais nítido. Inacreditável! Centenas de andorinhas em bando de afinados piados, bem acima de mim. O que acontece? Uma enorme nuvem com tons em vermelho! Não é possível! São incontáveis Belinhas e, para minha surpresa, sobre mim, uma chuva de plumas vermelhas. Era o sinal para a minha liberdade.

Saudade

Lígia Diniz Donega



Novamente estou na floresta que Diego me apresentou, o parque nacional de Itatiaia. Parece estar muito mais longe o dia em que aqui estivemos e eu nem sonhava que ele me deixaria.

Caminho pela mesma trilha onde há cinco meses ouvia suas explicações sobre a floresta nebular. Enfim estávamos no lugar que ele tanto falava e conseguiu me arrastar para visitar. Confesso que fiz mais para agradá-lo que não sou chegada em mato e insetos. Agora sei que foi o maior presente que ele me deu. Dizia todo cheio de vitalidade, "olhe as montanhas, vê como a floresta é alta? São elas que seguram a umidade. Por isto essa neblina constante e o nome de floresta nebular". E mostrava a forração de musgos no solo; as árvores típicas; as incríveis bromélias e orquídeas; os pássaros.

Alcanço o mirante. Coloco a gaiola na mureta. Preto se agita todo, parece entender que está em seu lar. E pensar que fui eu que o achou. O dia tinha sido esplêndido, apesar do vento frio que cortava nossa face. Como hoje, o céu tinha poucas nuvens. Não sei como consegui distinguir o filhote caído em meio à vegetação rasteira. Tão pequenino e frágil, tive medo de pegá-lo. Diego procurou seu ninho e não encontrando, colocou-o no bolso da jaqueta. "Não podemos deixar ele aqui", ele disse. Creio que a partir daí, a ideia de largar tudo e peregrinar pelo Brasil e seus biomas, começou a germinar.

Daqui de cima avisto as árvores mais distantes, com a neblina embaraçando-se nos galhos, uma cena saída de um filme de bruxas e duendes. O vento frio me pega de cheio mas não me importo. Sinto uma energia surpreendente e uma intuição de que em breve eu superarei sua ausência e deixarei para trás a angústia que sua partida

me causou. "Vai pra onde, Diego?", perguntei, aflita, assim que ele me contou o que pretendia fazer. Eu não via nenhuma dúvida em seu semblante, estava certo do passo que iria dar. "Tenho tudo esquematizado". Mal começara a relatar, pedi que parasse. Não queria saber para onde iria, uma vez que eu não estava nos planos dele. Um ano sabático, no fim das contas, é isto que ele está fazendo.

Cuidou do filhote com a maior dedicação. Eu apostava que não iria em frente, mas não falava nada. Surpreendi-me quando começou a criar penas. Daí a pouco já era um passarinho negro, de bico laranja, com o detalhe caprichoso de algumas penas bem amarelas nas asas. Escolhemos o nome de Preto. Só que Diego não quis soltá-lo na cidade. Dizia que não sobreviveria.

Olho para Preto e meu peito se aperta. Ele se agita todo, bate as asas que nunca voaram, prende as garras nas grades da gaiola e bica. Parece me dizer, "vamos, ande logo e me liberte"!

Hesito, atraso a hora do desenlace. Questiono-me como pude ser tão egoísta em prendê-lo desde sua partida. Como sou pequena diante dele! Um dia antes de ir, Diego aparece em casa com a gaiola. Meu coração queria odiar a quem amava. Doía-me ser abandonada. Pelo menos consegui segurar o choro que destampei assim que fechei a porta. Desde então, vivo numa confusão de sentimentos.

Um casal chega no mirante. Perguntam-me sobre a ave. Então conto a história de como o encontrei e que hoje estava ali para soltá-lo. O rapaz pergunta que ave é. Respondo que só fomos saber depois que criou penas. Na internet tudo se encontra. Qual não foi nossa surpresa quando soubemos que o nome popular era saudade. Um termo tão sugestivo e diferente para um pássaro.

Por que não o libertei antes? Uma pergunta que me fiz, diariamente, no último mês. A resposta estava sempre ali, só não queria encará-la. Era chegada a hora de virar a página e para isto, Preto teria que voltar à liberdade, a mesma liberdade que Diego desejou e foi atrás. Depois

que ele se foi, meus dias tornaram-se cinzentos. Olhar o passarinho era como ver Diego perto de mim. Tinha a sensação de que se eu soltasse Preto, se eu o deixasse para trás como ele me deixou, todas as lembranças maravilhosas que eu tinha ligadas a ele também partiriam. Eu não suportava perder minhas lembranças douradas. Nossos momentos de amor, as carícias trocadas, nossos passeios, a tarde naquela praia deserta onde apoiei minha cabeça em seu corpo e ficamos a olhar para as nuvens. O passeio sem destino com o fusquinha verde que tinha comprado, as tardes que mentia para mamãe que ia na biblioteca, mas, na verdade, estava com ele. Os mimos que me trazia, uma flor, uma pena, um trevo de quatro folhas. Tudo que significava algo do meu amor, da nossa vida, desapareceria se soltasse Preto.

A hora avança e decido que não vou adiar mais. Estou aqui para isto. Olho para Preto e uma emoção enorme me toma. Mas devo fechar o ciclo, libertar a ave saudade. Quando coloco a mão na portinha, Preto dá seu piado, mais parecido um lamento ou grito de uma criatura mítica da floresta. Abro a porta. Ele demora alguns segundos para entender. Meu coração dispara. E se ele não souber encontrar alimento? Se morrer de frio ou abocanhado por um mamífero? Tarde demais para tais preocupações, tenho que crer na sua intuição pois ele e a natureza são um só. Acompanho seu voo até que se embrenha nas árvores. Digo a mim mesma, "vai meu pequenino que sua vida começa agora".

Caminho pelo mesmo trajeto onde encontrei Preto. Meu coração já está mais calmo. Conforta-me saber que ele está onde sempre teve que estar. Saio do parque com o pensamento de nunca mais voltar ali. Diego se interpõe em meus pensamentos. Uma imagem nebulosa assim como esta mata. Sei que com o passar do tempo ele não passará de uma lembrança distante, indolor. Ele também está no lugar onde deveria estar. Quanto a mim... bem, resta-me a saudade, uma palavra escrita ao vento.

A volta do canarinho

Patricia de Campos Occhiucci



Rafael vivia numa casa simples e aconchegante em Corumbá, Mato Grosso do Sul, região onde o bioma Pantanal reina. O rapaz tinha na esposa Marina sua companhia mais querida. Ele, um botânico formado pela UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso) realizava trabalhos de pesquisa, envolvendo coleta, identificação e catalogação de espécies da flora nativa. Marina era escritora de livros didáticos e trabalhava há bastante tempo para uma editora de renome no país. Ambos se davam muito bem e adoravam curtir a natureza.

Rafael analisava os vegetais em seus mínimos detalhes: o formato das folhas, o olor das flores, textura dos caules... Tinha várias exsicatas (coleções de sementes) e fez a descoberta e pesquisa das propriedades de duas ervas medicinais, registrando-as. Ganhou alguns prêmios de reconhecimento pelos serviços prestados ao meio ambiente, auxiliando na recuperação de espaços de floresta, matas ciliares e terrenos particulares. Com os animais não tinha a mesma afinidade, mas mantinha a mesma postura de deferência.

Um dia, Rafael percebeu que havia um ninho de passarinho construído na jabuticabeira do seu quintal. Ficou contemplando o trabalho do casal de passarinhos, levando comida para seus filhotes. Os pequeninos piavam alto, provavelmente pedindo o almoço. De repente, um deles se ergueu, foi para a beirada da estrutura onde descansavam e caiu no chão. A sorte é que a árvore era relativamente pequena, mas Rafael não sabia a gravidade do tombo. Foi correndo socorrer o canarinho, que já tinha alguma penugem pelo corpo. Estava na fase de aprender a voar, porém, ainda não tinha habilidade.

O botânico notou que a asinha direita parecia estar quebrada. Já havia cuidado de animais feridos nas florestas por onde passara exercendo sua função. Achava que poderia cuidar de mais um, e assim o fez. Com todo o cuidado apalpou, e aferiu que seria necessário mesmo imobilizar. Parecia mais um destroncado, o suficiente para causar dor e prejudicar seu desempenho no treino para ganhar os céus.

Rafael ficou preocupado, pois precisaria arranjar alimento para o pássaro e deixá-lo aquecido. Ajeitou uma caminha improvisada, arrumou bicos para fornecer alimento. Ligou para um amigo veterinário para pedir algumas instruções. Foi cuidando com zelo, contando com a ajuda da esposa Marina.

A ave foi melhorando, dando pulos e cantando a sua maneira ainda juvenil, como a agradecer pela hospitalidade. Foi ganhando uma aparência bonita, de um gracioso exemplar de canário-da-terra. Logo estaria pronto para seguir sua natureza, sobrevoando a cidade. Seus irmãozinhos e pais já haviam abandonado o ninho, provavelmente, continuando suas jornadas.

As semanas foram passando. Rafael e Marina continuavam zelando pelo pássaro, que batizaram de "Serelepe", já que o pequeno era bem agitado e tentava explorar tudo quanto é canto. Serelepe já havia ganhado o carinho do casal, que se preparava para ajudá-lo na reinserção ao seu ambiente natural. Protelaram ainda por mais um tempo, entretanto, sabiam que quanto mais demorassem, menos chances a ave teria de readaptar-se. Por isso, começaram os "treinos". Com muito entusiasmo incentivavam Serelepe a se aventurar batendo as asas. Vibravam a cada avanço, como tutores que se alegram ao presenciar os primeiros passos de um filho.

Numa tardezinha de setembro, quando o sol já ia se deitar, Serelepe teve seu feito! Plainou, deu voltas nas árvores, cantou, passou pertinho dos rostos de Rafa e Marina, antes de se erguer novamente e desaparecer no horizonte. Os dois observavam, embevecidos. A primavera de

tantas cores trazia uma sensação de paz, com uma saudade compreensível. Torciam para que o canário ficasse bem, seguindo seu instinto, protegido de qualquer perigo.

Rafael pensava como era curioso o vínculo criado entre humanos e outros animais. A chamada família multiespécie, em que se faziam companhia e conviviam num mesmo espaço. Relembrou de um cãozinho que teve na infância, como gostava dele e ficou arrasado quando morreu.

A noite chegou, a manhã seguinte passou, e Rafael sentia falta de Serelepe. Pensou em juntar as coisinhas que usou para tomar conta dele, mas não teve coragem. Realizou seu trabalho de revitalização em uma APP (Área de Proteção Permanente), admirando os pássaros que sobrevoavam o local. Notou que seu sentimento para com as espécies animais havia mudado (ou apenas se reconstituído): percebia mais beleza, e seu coração se enchia de gratidão, sentimento que Serelepe deveria nutrir também por aqueles que o acolheram quando precisou.

No início da noite, Marina e Rafael descansavam no sofá da sala, assistindo a um filme antigo na televisão. Conversavam também sobre um pedido de adoção que haviam formalizado: foram até o Lar das Violetas, um orfanato que abrigava muitas crianças abandonadas. Visitaram Cauê várias vezes, se entrosaram e pediram judicialmente a guarda. Restava, então, esperar.

As janelas estavam abertas, e dois ventiladores rodavam na última velocidade, tentando aliviar o abafamento. De repente, um canarinho entra e saracoteia pelo cômodo. Era Serelepe, visitando seus amigos, que ficaram radiantes com a presença do passarinho.

Serelepe retornava todas as noites, como a fazer um agrado. Algumas vezes, dormia próximo aos seus protetores, desbravando a natureza durante o dia. Isso aconteceu durante um ano, religiosamente, até que suas aparições cessaram. Tinha chegado a hora de Serelepe volitar muito além das nuvens, onde os olhos humanos não alcançam. Sua partida foi suave: deitou para descansar num gramado repleto de flores, e enquanto cochilava seus sinais vitais se esvaíram.

Rafael e Marina torciam para que o canário estivesse feliz, talvez, voado para longe, com alguma companheirinha. A saudade ficaria para sempre, não com gosto de tristeza, mas de afeto que aquece o coração. Depois de algumas semanas, Marina informa a Rafael que o pedido de adoção de Cauê foi finalmente homologado. Outro presente dos céus, que aguardavam há muito tempo.

Um último voo

Ricardo Kasburg Philippsen



Nos primeiros minutos não parecia existir nada a não ser árvores naquele lugar. Um emaranhado sem fim de árvores. Ele lembrou da sensação de infinito que havia sentido ao olhar pela pequena janela do avião e ver aquela floresta.

Com o passar do tempo ele foi percebendo que ali existia sim muita coisa além das árvores. Aquele lugar estava repleto de vida. E quanto mais quieto ele ficava, mais evidente isso se tornava. Foi só ele parar de se mexer desajeitada e ruidosamente que os pequenos animais foram dando as caras. Em sua maioria eram insetos. Nenhum que realmente chamasse a sua atenção. Mas havia os pássaros.

Até aquele dia ele nunca tinha realmente parado para prestar atenção neles, aliás, agora ele percebia que nunca tinha realmente prestado atenção em nada. Salvo talvez, quando era criança. Com seis anos de idade era curioso, era um caçador de detalhes. Depois... você sabe como é; a vida foi acelerando.

Até aquele momento.

O pássaro foi chegando aos poucos, no início, pousava em galhos distantes, soltava um ou dois ruídos tímidos na direção dele e voava para o galho seguinte. Fez isso até completar três, talvez quatro voltas ao redor de onde ele estava, antes de começar a ficar realmente à vontade.

Que tipo de pássaro seria aquele? Se ao menos existisse sinal de celular naquele lugar ele poderia descobrir. Com dois minutos de pesquisa ele saberia tudo sobre aquele pássaro: nome científico, nome popular, habitat, características e hábitos... tudo.

Tudo? Ele descobriria tudo?

De repente teve a sensação de que ele não descobriria nada. Nada que realmente importasse.

O pássaro se aproximou, com pequenos pulinhos desajeitados, percorreu três metros de galho até chegar realmente perto de onde ele estava.

Foi por um breve momento, mas eles se olharam nos olhos. O pássaro com uma curiosidade infantil, ele com assombro. Tinha se dado conta de que era algo totalmente bobo imaginar que com meia dúzia de fotos e algumas linhas lidas às pressas ele conheceria alguém. E aquele pássaro era alguém. Meu deus! Esse pássaro é alguém.

Por que ele nunca tinha parado para observar um pássaro antes? Enquanto isso, percebeu que ele também estava sendo observado. Seria aquele um olhar amigável? Seria simpatia?

O pássaro calculou mal o próprio peso, ou talvez a resistência do galho para o qual pulou e acabou perdendo o equilíbrio. Conseguiu, não sem um certo estardalhaço, voltar de forma nada graciosa para o galho em que estava e soltou um... canto? Aquilo não era cantar, nem piar, aquilo era algo diferente. Era um barulho meio atrapalhado. Combinava perfeitamente. Era ideal.

Ele sorriu.

Um raio de sol se embrenhou através das folhas e pousou gentilmente no rosto dele. Aquilo era perfeito. Ele estava tranquilo. Tinha finalmente desacelerado, estava finalmente em paz.

Por que ele não tinha se dado ao luxo de desacelerar antes?

Era uma pena.

Sorriu ao pensar no trocadilho.

Fechou os olhos.

No chão, cerca de dez metros abaixo dele, insetos de todos os tipos eram atraídos pelo cheiro de sangue que já formava uma poça.

O Jacu finalmente tomou coragem e chegou bem perto, se atrapalhou um pouco ao passar pelo emaranhado de fios e tecido do paraquedas, mas quando conseguiu, deu um grito orgulhoso. Ficou mais uns dez minutos, depois levantou voo.

Mãe-da-lua

Rogerio Luz



Fui com Firmino, empregado de meu pai na oficina, comprar binóculo e máquina fotográfica. Era tudo de que eu precisava para começar. Era tudo do que meu pai precisava para me dar alguma ocupação, preocupado com meu desinteresse por tudo: colégio, amizade, esporte, jogo, bebida, namorada, o que fosse.

Costumava passear com minha mãe pelo Jardim Botânico, mas depois da morte dela, nunca mais pisei lá. Minto: fui uma vez e fiquei muito triste, só recordação. Não vi graça nas vitórias régias do lago, nem nas aleias, nos caramanchões, no canteiro para cegos apalparem plantas, no chafariz de onde se avistava o Cristo de costas, lá longe no Corcovado, nos quiosques, nas touceiras de bambu, no jardim japonês, no recanto amazônico, na estufa das carnívoras, que só engolem insetos, no parquinho de brinquedo onde minha mãe me levava quando eu era pequeno, quando a gente sentava nas mesinhas ao ar livre e pedia um lanche na cantina da entrada. Olha que andei por ali tudo, até na biblioteca entrei, dentro do museu. Aquilo de repente virou cinza em manhã de sol.

Na saída, vi um caxinguelê todo atarefado a catar coquinhos. Azar dele: um casal de sabiás vigiava os ovos, postos ali no chão, próximos da árvore. Os sabiás davam cada rasante sucessivo contra o bichinho que ele desistiu, sem entender muito bem tanta gritaria, a cauda peluda tremulando arbusto a dentro e, súbito, já no alto, escalando a toda pressa uma palmeira imperial.

Quando fui saindo, cabeça baixa, o guarda do portão me entregou calado um folheto de propaganda. Pensei que fosse de algum curso de informática. Esperei sair, para não fazer desfeita ao sujeito, e já ia jogando fora o papel na lixeira que tem ali na calçada, quando resolvi dar uma olhada só pra ver o que era: um curso, claro, mas para

principiantes que quisessem fazer observação de pássaros. Isso lá é profissão que mereça estudo? Quem professa não despreza, dizia minha mãe. Um bom binóculo e uma boa máquina era o que se exigia para seguir os ensinamentos. Para uma geral serviam as primeiras palestras, depois vinha a parte prática.

Custei a me decidir, os meses passavam e nada, não me importava coisa alguma. Meu pai queria me convencer: tinha conversado com uma psicóloga. Esta lhe assegurou: a observação de pássaros é mais que um passatempo, é terapia. Atenção: não em gaiolas, nunca. Jaula é cárcere. Voos livres, jeitos de viver, ares abertos, os cantos, a conexão com o outro, o absolutamente outro (ela falou assim, revelou-me o pai, que também não entendeu).

No ano seguinte enfim tomei coragem. Vinha equipado, com o dinheiro que meu pai me dera e os conselhos do Firmino, passarinheiro na feira de Caxias. Não queria ser objeto de gozação, não queria ser humilhado, eu ainda jovem no meio daqueles senhores que não tinham mais nada o que fazer. Ficar de tocaia à espera de caçar uma imagem, não era doideira? Ou será que era negócio? Ouvi falar de fotografia científica, turismo, passeio remunerado com grupos de curiosos, talvez. Isso também veio à minha cabeça. A oficina cheirava a borracha e gasolina, tudo indústria & comércio, um porre. Sobrado de esquina, a gente morava no segundo andar, muito barulho, muito trânsito. O pior era eu, na maior fossa. Coitado do pai. Nunca nem tinha me ligado muito nele, pra falar a verdade. Custava dar uma colher-de-chá pro velho?

O Jardim, não. O Jardim pelo menos era tranquilo. Na primeira aula, o professor veio com um papo esquisito, sem parte prática. Estava sabendo, mas o que eu queria mesmo era sair fotografando por aí ao léu, isso que eu queria. É preciso, disse ele, respeitar a Natureza. Também sou natureza, e bem sei do que ela é capaz. Ah, Natureza madrasta! (Pensei logo no caxinguelê bicado pelos sabiás. Depois, ele engrossou). Não respeito muito

a Natureza porque ela não me basta com letra maiúscula e tudo. Nem sei direito quem ela é. Sua essência me escapa. *Essence* em francês é gasolina. (Deu um risinho e fiquei cabreiro, parecia que aquilo era comigo). À Natureza prefiro a Matéria em seu divino desdobrar-se. Talvez isso indique em mim algum defeito ótico. Quando saio de férias, vou para Teresópolis. À mesa das montanhas, respiro o vento e os sons da Natureza, livre enfim para prender em imagem a alma essencial de passarinhos e mais passarinhos. (Pensei cá comigo, isso está mal parado. Ou o cara que quer criar um clima ou é mesmo meio pancada).

Aqueles papos não duraram nem três meses e, ainda bem, fomos logo pra campo "captar a liberdade", como o professor dizia, isto é, tirar foto dos bichinhos. A palavra de ordem era: não dispersar, concentrar-se nas aves. Isso exigia paciência e olho vivo. Comecei a entrar, nunca havia imaginado, no universo paralelo dos pássaros: o Jardim Botânico tornou-se, para mim, um verdadeiro jardim zoológico, que incluía peixes, tartarugas, micos, macacos-prego, calangos, fora a insetaria toda. Para mim, um mundo paralelo cheio de segredos. E eu que não tinha percebido nada disso quando passeava com minha mãe pelas aleias! Cheguei a ler para ela as anotações minuciosas com que eu acompanhava as fotos de passarinho, pra compensar a falta que ela me fazia –, tudo o que não aprendemos junto. Sei que é proibido falar com os mortos. A gente acaba falando sozinho, dentro da cabeça.

Firmino era chegado a uns espiritismos. Cheio de rodeios, acabou por me dizer que, na noite da partida definitiva de minha mãe, ouvira o canto do urutau, se se pode chamar de canto aquela voz agourenta. Foi mandinga, foi encosto, ele me disse. E ainda vem pra cima de você, pode esperar, cuidado! Apavorei-me, claro. A gente se perde pela palavra e os encantados não falam, mas podem cantar. Quem poderia ter posto feitiço contra minha mãezinha, uma santa, que todo ano organizava romaria a Aparecida, rainha e padroeira do Brasil?

Aquele empregado de meu pai queria me desatinar as ideias.

Ficou por isso mesmo, até que Firmino, bom baiano, numa noite de lua cheia, me puxou para um canto e confidenciou: aquilo foi coisa da mãe-da-lua. Nome mais estranho. E lua pode ter mãe? Aí ele me explicou que essa mãe era um pássaro que traz azar, não precisa de encomenda. Eu nem nunca tinha ouvido falar. É aquele que chamam por aqui bacurau, grudado no tronco, fingindo de galho velho? Quase, quase disse ele, é da família. Curiango, né? É da família.

Verdade que ninguém morre à toa, tem sempre um culpado por trás. Mas um pássaro, um passarinho? Foi demais para mim, me descontrolou. Nem toquei no assunto com meu pai, podia trazer recordações e, ainda por cima, ele não acreditava em mandinga. Mas tinha uma prima que, mesmo sem querer, quando visitava a gente, era só botar o olho em planta nova e ela murchava direto. Vai saber.

O jeito era consultar o pai dos burros, como minha mãe chamava o dicionário. Corri ao Houaiss (meu pai era vidrado em dicionário e enciclopédia). Urutau: de hábitos noturnos, possui cabeça chata e larga com grandes olhos, boca ampla e bico pequeno com a ponta adunca; chora-lua, ibijaú-guaçu, jurutau, mãe-da-lua, manda-lua, preguiça, urutago. Credo!

Comecei com foto de sabiá laranjeira, sanhaço, saíra de sete cores, tucano, tudo que eu já conhecia fazia tempo, quando morava no alto de Santa Teresa e subia pelo Sumaré até a floresta da Tijuca. Menos o casal de jacupemba, muito fácil de se fotografar, sempre passeando por ali. Saracura também, que só conhecia de um sítio onde passei férias. Lá tinha até seriema: aparecia sempre num morro descalvado, com ares de intrigante. Até que o professor falou: por ali pelo Jardim passavam ou moravam umas duzentas espécies. Quase desanimei. Tinha até garça, coisa para profissa, eu era um iniciante,

um amador furreca. Tarefa gigante caçar as imagens, as almas, a essência de toda aquela passarada. Só me entusiasmei quando o Clube anunciou o concurso anual de fotos de aves do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Iam publicar um livro. Vibrei. Quem sabe não arrumava um flagra premiável?

Falei por alto com meu professor, Ele me animou. Tomei coragem e falei da mãe-da-lua. Ele riu e me cortou: primeiro, não existe urutau no Jardim; segundo, o Jardim fecha à noite e é bem guardado; terceiro, no escuro não dá para fotografar. Ora, em minhas pesquisas, vi muita foto do bicho. Pensei no lance da fotografia noturna, mas não disse nada. De fato, como combinar escrita de luz e falta de luz? Tarefa complicada. A tal mãe costumava ficar paradona, agarrada em pé-de-pau, o que facilitava pro lado do tempo de exposição. Bem, não vamos entrar em pormenores técnicos, este não é o foco.

Firmino sabia um jeito de me livrar da maldição da mãe-da-lua: teria de caçar uma delas e acabar com o monstrengo. Me emprestou sua pistola, porque dava para atirar só com uma das mãos e, ainda por cima, foi abençoada pelo pastor. Era isso ou nada, ou pior: tudo, tudo de ruim. Sabia de um lugar por onde eu poderia entrar no Jardim na calada da noite. Pensei que era aquela outra entrada, pela Lopes Quintas, ou será Pacheco Leão? Mais para cima. Sem problema. Ele era muito conhecido na comunidade, uma invasão nos terrenos de propriedade pública, uma luta de anos, um desacerto. O governo cercou as casas com muro, mas dava pra pular fácil, fácil.

Noite de lua cheia, o que não facilitou as coisas. Uma astróloga me disse: teu regente é a Lua. Ora, todo lunático é fraco dos nervos. Confesso que estava bem desconfiado. Tivemos que esperar ali por perto, na salinha de uma amiga do Firmino, bebendo umas e outras para esquentar, mas sem exagero, para não prejudicar a missão. Lá pela meia-noite, com ajuda de Firmino – ele me disse que eu teria de realizar a façanha sozinho, para dar certo o desfazimento do mau-olhado, mas estava era com medo – escalei o muro com a tralha toda na mochila, pistola e o resto.

Fui andando naquele claro-escuro, olha pra ali, olha pra lá, as folhas ao luar brilhavam que só, quando ouvi o canto horrendo, o som que me dava rumo. Gelei dos pés à cabeça, mas fui caminhando na direção até avistar o bicho, grudado num galho de jaqueira, com a bocarra aberta. Logo me refiz e mirei a arma – quer dizer, a câmera – e disparei. O bicho nem se mexeu. Voltei devagarinho, no maior silêncio. Firmino me esperava ao pé do muro.

– Acertou? Acabou com ela? Tirei as fotos, respondi. Pro concurso!

Firmino perdeu as estribeiras e todo respeito devido a filho de patrão: – Ôrra, meu, tu estás é fodido!

Não é que a lua me deu um crédito? As fotos ficaram muito, mas muito legais. Os olhos, as penas, a boca, o bico, tudo nos maiores reflexos. Fiquei competitivo.

Bem, devo acrescentar ao presente relato – não se espantará quem leu as memórias póstumas de autor célebre, Joaquim Roberto Machado de Assis (acho que é seu nome todo, não sei bem) – a coisa feita diretamente contra mim pela mãe natureza acabou me pegando. Talvez Firmino tivesse razão. Quem sabe não era ele o culpado, de olho na oficina?

Acho o maior desconcerto acusar um pássaro, qualquer que ele seja, águia, colibri, de anunciar e, mais grave, de provocar o passamento de um ser humano, eu inclusive. O que acaba com nosso país é essa mania de superstição. Certeza, certeza, a gente só tem... vocês sabem, né? De mais a mais, daqui do Além, tenho o maior orgulho em afirmar: fui observador de pássaros, não pistoleiro matador.

Eu passarinho

Verônica Barbosa Ribeiro



Rubi cresceu numa zona ribeirinha, em meio a um laranjal, numa casa simples com a mãe e o padrasto. Quando tinha apenas três anos, sua mãe levou-a para morar com a irmã mais velha, pois morando na cidade poderia frequentar o jardim municipal.

Filha das montanhas, Rubi crescia livre como o lírio que insinua a sua beleza, simplicidade e resistência em terras alagadiças. Era uma menina feliz, que gostava de descobrir os pulsares da vida, brincava com as dormideiras, chupava as sementes de lantana e comia as doces flores de malvavisco, tomava banho no rio, pescava camarões, subia nas goiabeiras e jameleiras e gostava de cantar como os passarinhos.

Acordava com os primeiros raios de sol que faziam festas na janela do seu quarto, vestia-se e ia ver a vida ao amanhecer o dia. Ia então até o final da rua onde morava, lá onde se iniciava uma vida em harmonia, para ir ver os canários-da-terra a fazer os seus ninhos.

E não parava por aí, queria descobrir porque o joão-de-barro era tão engenhoso em construir, um verdadeiro arquiteto na natureza atlântica.

Ainda na infância, a brincar pelos caminhos perto de casa com uma amiga, uma vez achou um ninho e lá foi ver o pequeno bebê passarinho. Não sabia a espécie, mas foi a mais linda descoberta que poderia ter feito, a existência é pautada por cantos de tristeza e alegria.

E sempre por onde ia, deixava os pensamentos serem guiados pelas melodias passarinhas. É que a propagação do chilrear dos pássaros trazido pelo vento era o presságio de que os sonhos de Rubi se realizariam. Os pássaros livres, para ela, eram sinônimos de paz e felicidade.

Por isso, sempre gostava de passear em áreas verdes, para ouvir conselhos em forma de cantos, e quando não podia ir ter com eles, e nem recebia uma visita na sua janela, punha-se a *passarear* numa louvação aos bem-te-vis.

Passados os anos, Rubi, já adulta, mudou-se para o outro lado do Atlântico, ou melhor, para o meio do oceano, na conquista de uma nova vida e de novos pássaros; nas viagens ao interior, arranjava sempre um meio de saber os nomes das aves que via em seus diversos, engenhosos e inusitados habitats.

Os nomes delas também eram interessantes: a tchota-de-cana, parecida com o nosso canário-da-terra; o pardal-espanhol, mas cantador em terras cabo-verdianas; o barulhento e assustador corvo; a tão conhecida pelo nome de galinha-da-angola, aqui galinha-do-mato; as garças-boieiras, que pintam de branco as achadas verdejantes em tempo de verão; as aves marinhas rabos-de-junco, que lhe faziam lembrar a pintura de Escher, Céu e Água; a calhandra, uma verdadeira flauta voadora; a cagarra, infelizmente em perigo de extinção devido à má ação humana e a que ela admirava pelas cores fortes que apresentava e por chegar mais próxima ao ambiente citadino, a passarinha de lindas penas azuis.

Cresceu tendo os pássaros como amigos. Não é à toa que, um dia, um amigo ao ouvir-lhe assoviar próxima à uma árvore, perguntou-lhe se era feiticeira.

Levantando voo

Silvana Carvalho



Fui salva por um passarinho em um domingo de sol. Eram tempos em que os dias se sucediam sem que eu percebesse a diferença entre eles. Não importava se fazia sol ou se chovia, se era um dia de trabalho ou um dia de repouso, se era inverno ou verão. Era tudo igual, tal qual o meu estado de apatia.

Nas últimas semanas, a chegada de uma nova vizinha no prédio despertou minha curiosidade e passei a repetir um ritual nas primeiras horas da manhã, antes de ir ao trabalho: me debruçava na janela do meu quarto com minha xícara de café na mão e, em surdina, observava o terraço do apartamento dela.

Era um terraço pequeno e simples, cujo único atrativo era uma gaiola com um passarinho que parecia feliz. Ou ao menos eu assim o via, porque todas as manhãs ele cantava e ninguém canta se não é feliz.

Fazia muito tempo que não me interessava por algo. Surpresa, tentei tirar qualquer lição de vida daquela experiência: tentei cantar. Talvez isso me ajudasse a sair daquele meu estado de torpor. Liguei o rádio e busquei algo diferente dos programas que vomitavam notícias ruins todas as manhãs e que só serviam para aumentar minha desesperança. Encontrei uma estação que tocava velhas músicas, iniciei a cantarolar e não demorou muito para que eu começasse a cantar a plenos pulmões.

Satisfeita com aquela pequena conquista fui trabalhar e aquele novo estado de ânimo vez com que meus ombros se tornassem um pouco menos curvos e que o meu "bom dia" saísse da minha boca um pouco mais enérgico. Como não poderia deixar de ser, alguém notou e me respondeu com mais entusiasmo que nos outros dias.

– "Efeito *boomerang*" – pensei lembrando da frase-chavão que diz que você colhe aquilo que planta. Verdade ou não, me sentia um pouco melhor.

Ao chegar em casa quis agradecer ao passarinho por aquele pequeno aprendizado, mas a escuridão do terraço não me permitiu vê-lo. Tentei evocar sua imagem na minha lembrança, mas tive dificuldades. Lembrava das suas cores, conseguia pensar na sua dimensão, mas não lembrava como era seu bico, ou outros detalhes.

Não tinha a mínima ideia de que tipo de ave era mas tinha urgência em sabê-lo. Apelei ao Google e procurei encontrar entre as imagem disponíveis a que mais se aproximava daquela que eu guardava na minha lembrança. Perdi muito tempo navegando mas não consegui identificá-lo. Fui dormir tarde e não deixei de notar que não tive a dor de cabeça que acompanhava minhas noites há vários meses.

Acordei em cima da hora de ir ao trabalho, corri pra janela e tentei imprimir na memória a imagem do passarinho. Desci as escadas correndo, peguei o carro e cheguei no escritório esbaforida. Meu pequeno atraso causou surpresa, visto minha habitual pontualidade. Minha vizinha de escrivaninha arriscou travar um diálogo sobre o trânsito e a dificuldade para encontrar estacionamento e, para minha surpresa, não fui seca como sempre. Propus um café.

Ao voltar para casa, continuei minha pesquisa ouvindo rádio e cantarolando. Identifiquei diversos pássaros com plumagem de cores inverossímeis. Aprendi que o pintinho nasce com um dente, que algumas espécies podem voar até 150 km/h, que algumas aves migram e que o Pato Donald não é um pato, mas um marreco!

Divertida, fui dormir. Sonhei e, coisa rara, acordei de bom humor. Tirei do armário um vestido colorido, abrindo mão das cores escuras com as quais me vestia ultimamente. Pensei que se cantar tinha me feito bem, vestir-me com cores fortes como a plumagem de alguns passarinhos poderia trazer também algum efeito positivo.

Era sexta-feira e o dia era alegre: as pessoas combinavam *happy hour* e programas para o fim de semana. Meu vestido colorido estava em sintonia com a atmosfera do dia e eu não me sentia um peixe fora d'agua como sempre. Decidi que após o trabalho iria até uma livraria comprar um novo livro. As horas do fim-de-semana para mim eram solitárias e eu sabia que aquela inusitada sensação de bem-estar era uma coisa passageira. Um livro é sempre uma boa companhia.

Na livraria me peguei procurando livros que falassem de pássaros e me questionei sob o estranho efeito que aquele passarinho engaiolado estava fazendo em mim. Provavelmente era uma coincidência que meu estado de ânimo tivesse melhorado depois da chegada dele, mas eu preferia acreditar que se devia a isso.

Ao chegar em casa resolvi ver o filme "Rio". Venci minha antiga resistência de que era um filme infantil e me diverti como uma criança. Música, cores, pássaros, tensão, esperança, tudo me contagiou. Fui para cama ainda excitada com as diversas emoções desencadeadas. Busquei meu livro novo e encontrei dentro da sacola um folheto publicitário com um convite para participar de uma passarinhada, uma espécie de atividade na qual as pessoas se reúnem para observar as aves no seu ambiente natural. Era uma bem sucedida estratégia de marketing: uma propaganda divulgada na seção de livros relacionada com a natureza, vagas gratuitas e limitadas, telefone para contato, uma foto de um passarinho lindo, apoio de fundações importantes e por aí vai.

Levantei e fui de novo buscar informações na internet, dessa vez tentando entender como raios funcionava uma passarinhada! Depois de navegar um pouco fui deitar e tentei conciliar o sono com a leitura. Foi uma tentativa inútil, minha cabeça liquidificava pensamentos.

– "Não é pra mim!" – pensei, enfiando a cabeça debaixo do travesseiro.

– "Sim! É perfeito pra mim!! É uma atividade para solitários!" – minha voz saiu sem querer, surpreendendo-me.

Acordei mais frenética de quando fui dormir, preparei meu café e fui pra janela para ver "meu" pássaro à luz do dia. Correndo animada do computador para a janela e da janela para o computador a fim de controlar alguns detalhes acabei por identificar finalmente de que espécie ele era. Entusiasmada, resolvi ligar para a secretaria da passarinhada para pedir informações e quando desliguei estava inscrita para a atividade do dia seguinte.

Comecei a me preparar para aquele insólito domingo. Revirei os armários e encontrei tudo que me servia: uma roupa cômoda, um repelente, um protetor solar ainda não vencido e uma garrafa térmica para colocar água. Faltavam os binóculos, mas a instituição informou que me emprestaria.

Surpresa com a velocidade com a qual as coisas estavam acontecendo voltei pra janela, observei o passarinho e refleti sobre a pequena revolução que sua existência estava causando na minha vida. A falta de liberdade dele me fez despertar para o mau uso que eu estava fazendo da minha. Desejei recompensá-lo abrindo a porta daquela gaiola, mas não sabia como.

O domingo da passarinhada foi um dia generoso. Não sei se foi o contato com a natureza exuberante ou o entusiasmo por aquele *hobby* novo, mas voltando para casa senti um autêntico bem-estar. Descobri que a atividade não era tão solitária quanto parecia, pois acabei trocando experiências e compartilhando emoções com outros participantes.

Voltei empolgadíssima, quase eufórica! Ao chegar em casa reconheci minha vizinha de casa aguardando o elevador. Tinha iniciado a cumprimentá-la com um aceno da cabeça cada vez que nossos olhares se cruzavam. Ela no seu terraço e eu observando o passarinho dela. Era a primeira vez que nos encontrávamos realmente.

Contrariando meus hábitos me apresentei:

– "Oi! Sou a vizinha do 804. Tenho que pedir desculpas pela minha indiscrição pois estou sempre espiando o seu terraço. Espero que você compreenda, já que temos uma paixão comum pelos passarinhos!"

– "Na verdade não entendo muito de pássaros. Estou morando só pela primeira vez e imaginei que ele poderia me fazer companhia. Ainda estou aprendendo como cuidar dele!"

Aquele dia ensolarado estava me dando mais uma oportunidade e eu aproveitei para contar da experiência que tinha acabado de vivenciar. Todo meu entusiasmo veio à tona e de repente me tornei loquaz. Reconheci todos os sinais que minha vizinha estava me dando com aquela simples frase e, sentindo-me tão generosa quanto esse domingo, convidei-a para participar da passarinhada do próximo fim de semana.

Foi o primeiro de tantos domingos juntas. Passamos a compartilhar nosso tempo livre e nos tornamos amigas. Em uma das passarinhadas ela levou a gaiola e juntas liberamos o passarinho. Olhando sua euforia e as acrobacias que ele fez naquele momento de alforria pensei que a minha vida também tinha levantado voo.

Pio de Pássaro

Thiago Teixeira Lopes



O tio nos levou para acampar. Paramos em uma clareira. – Como se chamam essas árvores, tio? – Eucalipto.

– Eucalito?

– Eu ca lípitu

– Eucalípitu.

– Elas não são brasileiras, são de um país distante. Tão grandes e fortes, que o vento as vergas, mas não as derruba. Sugam a energia da terra, de modo que quase nada cresce ao redor, exceto o mato, as ervas, as plantinhas menores como estas. Vocês não estão vendo como a terra é dura e esfarinhada?

O eucalipto exalava perfume.

A mata tinha várias cores, marrom, amarelo, verde escuro e até azul. Tudo era quebrar de gravetos aos pés.

O tio tirou do bolso um objeto de madeira; levou-o à boca e soprou um gorjeio. Deu-me. Era um apito de madeira em forma de passarinho. Soprei-o, cantei como pássaro. Ao longe, outro pássaro respondeu.

– É o sabiá – disse o tio.

Caminhamos por uma trilha, eu falava aos pássaros, que me respondiam cúmplices. Chegamos onde podíamos ouvir uma longínqua reclamação. Reclamação que, conforme nos aproximamos, virou murmúrio, depois murmúsica. A terra ali não era mais seca, nem fofa farfalhante, era úmida e escorregadia. Até atolou o chinelo. É que tínhamos chegado à nascente de um rio. Aguinha transparente, barulhenta, corria em fio. Mais adiante o fiozinho magrinho desaguava num riozão marrom, parado, pesado, calado, moroso. Rio morto, disse o tio, rio contaminado.

– Ué, mas tem peixe... – muxoxo da irmã.

– Esses peixes também estão contaminados. Estão doentes. Peixes ocos.

Enormes pássaros voavam, planavam, pairavam; iam parar nos galhos, que afundavam.

– São graças, garças. Alimentam-se de peixes. Por isso têm pescoço tão esticado, para mergulhar a cabeça dentro d'água.

O rio era fascinante, as árvores se inclinavam para ele, como franjas de cabelo. Na água parada, as manchas pretas surgindo e desaparecendo, os peixes. Mesmo não transparente, o rio refletia as árvores, refletia os pontinhos pretos no céu, os urubus, refletia minha irmã e eu de cócoras, a cabeça grande, com chapéu de palha do tio. O céu azul e branco se refletia vermelho, como um céu da tarde.

Tio, como se chama esse apito que o senhor me deu? – perguntei quando estávamos voltando às barracas.

– Pio de pássaro.

E o que são essas coisinhas brancas? – minha irmã perguntou, mostrando um algodão na mão.

– Essas são sementes de paineira, árvore muito bonita. As sementes dela ficam grudadas numa espécie de pompom branco, bem leve, pois assim elas podem ser levadas pelo vento; podem se espraiar. Caem igual paraquedas. A função de toda semente é espalhar árvores pela floresta.

No caminho, vimos casca de cobra, buraco de tatu, planta que soltava um espinho a grudar na roupa para não mais sair, chamada, segundo titio, carrapicho. Peguei carrapato, o tio tirou com os dedos. Era um bicho gorducho e cheio de patinhas assustadas.

Foi então que eu quase pisei num objeto de ferro, oval, um tipo de arame farpado. Ele prendia pela cabeça um pássaro. O bichinho estava imóvel, com as patinhas recolhidas, duro, cheinho de formigas. Minha irmã começou a chorar. O tio nos disse que aquele objeto era armadilha para pegar pássaros, montada por gente ruim.

– E porque fizeram isso com o passarim?

O tio respirou fundo, abriu um pouco os braços:

– Sei não.

Ele se abaixou. Sem tocar no passarinho, puxou o ferro e desarmou a armadilha. Jogou-a longe. Minha irmã teve a ideia de cavar um buraco. Adivinhando-lhe o pensamento, ajudei. O tio trouxe uma folha larga de bananeira, com a qual envolvemos o corpinho. Então o enterramos dignamente, com todo o respeito que merecia. E lhe demos o nome de Zazu, por conta de um desenho de que minha irmã e eu gostávamos.

Quando chegamos às barracas, o tio foi logo juntando gravetos. E quando o fogo começou a estralar – não era noite ainda, mas a tarde já vinha adiantada – pensei em Zazu, em Z'azul, no azul preso ao ferro por gente ruim. Peguei meu pio de pássaro e gorjeei para Zazu uma música, em sua língua, respondida mais além por outros pássaros e senti amor profundo por todo o lugar, respeito enorme pelas árvores, pelo rio, pelos passarinhos. Senti felicidade triste, de tão grande intensidade, que, diante do fogo, ao balanço dos eucaliptos – a luz embaciada derramando esticadas sombras – lágrimas correram de meus olhos.

Observatória

Isabela Torezan



Para minha irmã Laura

Era uma posição realmente desconfortável. E ela estava ali há uma hora e quarenta e três minutos. Um galho insistia em cutucar suas costas, mesmo depois de ela ter se ajustado diversas vezes em seu posto de observação. Mas valeria a pena. Já tinha visto aquele casal de jacus naquela árvore diversas vezes, e nunca as fotos tinham saído boas por causa do ângulo e também porque eles se assustavam facilmente com ela chegando.

Agora ela já estaria ali, quietinha, posicionada estrategicamente na altura correta, mais ou menos camuflada. Queria uma boa foto daquele casal, por algum motivo simpatizava tanto com aquela ave. Eles pareciam desafiar as leis da física com aquele corpo gordinho e comprido ao mesmo tempo e as perninhas meio finas sustentando tudo. E adoravam as frutas que ela deixava para eles.

Conferiu mais uma vez a bateria da câmera, as configurações de luz. Tudo certo. Seria a qualquer momento agora.

Ao desconforto do galho cutucando suas costas, somou-se um formigamento nos pés. Começou com pequeninas pontadas nos dedos, foi subindo pelo peito do pé e logo ela sentia tudo dormente, até a canela. Achou natural, a posição em que estava não favorecia a circulação do sangue de forma alguma. Tentou se mover um pouco, ajeitar melhor os pés sobre o galho. Então sentiu que seus tênis de repente tinham ficado muito largos para seus pés. O formigamento começou a melhorar, mas agora suas pernas doíam. Seus joelhos. Precisava esticá-los a qualquer custo. Torcendo para que os jacus não dessem os bicos bem naquele momento, guardou a câmera na

bolsinha, em segurança, e apoiou-se no galho para tirar as pernas de debaixo do corpo. Sentou-se, as pernas balançando no ar. Agora suas nádegas doíam um pouco, mas sentia um grande alívio nas pernas.

E seus tênis caíram. Deslizaram para fora dos seus pés como o sapato de um adulto que tivesse sido calçado nos pés de um bebê, e ficaram suas meias presas de um estranho jeito folgado. Algo estava errado. Aquelas meias eram do seu irmão menor, ela tinha pegado emprestado porque eram pretas e geralmente suas excursões deixavam as meias claras todas manchadas. Deveriam estar apertadas. Esticou a mão direita até os pés enquanto a esquerda segurava o galho, e puxou uma das meias pela ponta.

Quase gritou, lembrou-se de sua missão silenciosa e prendeu a respiração. Ela não tinha mais pés. Não pés humanos, pelo menos. No lugar dos seus dedos entortados pelo uso diário de tênis, graciosos dedinhos de passarinho ainda tinham uns fiapos de meia presos. Experimentou mover seus novos pés. Nada mal, respondiam bem. Ainda tocava as canelas, um pouco incomodada com o toque seco da nova pele, quando notou que a dor nas pernas tinha sumido de vez.

Seus jeans tinham ficado folgados como as meias. Levantando uma nádega de cada vez, ela tirou as calças e deixou-as caírem no chão, agora já menos preocupada com o silêncio. Seus amigos de plumas não iam aparecer hoje, pelo jeito, e alguma coisa muito estranha estava acontecendo ali. Suas coxas, antes redondas e brancas e cheias de estrias, agora eram dois rolinhos fofos de penas marrons.

Sentiu os braços doerem também e tentou esticá-los, antes que conseguisse desdobrar todos os dedos eles já tinham sumido e ela tinha asas. A posição em que estava no galho não fazia mais sentido nenhum e ela se sentia absolutamente desequilibrada, com um pequeno salto agarrou seus novos pés no tronco. Muito melhor. A alça da bolsa da máquina escorregou pelo seu novo pescoço

e caiu no chão, ao lado das calças. Ainda bem, o peso daquilo tinha ficado insuportável para seu novo corpo de ave.

Alguns pontos do corpo ainda doíam, sentia seus órgãos se adaptando à nova "casca". Mas durou pouco, logo ela teve certeza de que a transformação estava completa e houve espaço para sua mente começar a trabalhar. Ela ainda pensava como humana, sentia isso, será que o processo se estenderia e ela seria capaz de pensar como ave?

Surpreendeu-se com o pouco que se importava em perder sua mente de menina. Isso significaria perder toda a sua história como gente também, mas ela não era muito longa. Dezessete anos apenas de uma existência pouco memorável. Tinha dúvidas até se seus pais iriam notar que ela tinha sumido. Com certeza, não hoje durante o dia. E quem saberia apreciar melhor a liberdade de ser pássaro do que uma adolescente, o típico indivíduo que vive tentando provar que não tem liberdade nenhuma? O que restava de seu raciocínio humano se orgulhou dessa conclusão filosófica.

Começou a sentir fome. Ainda aprendendo sobre seu novo centro de gravidade, cambaleou pelo galho até onde ela (ou o que tinha sido ela um dia) tinha deixado frutas disponíveis. Que gostoso enterrar o bico na polpa fresca da melancia. Um ruído de folhagens vindo do seu lado direito interrompeu o lanche. Tomando cuidado para não desequilibrar, virou o pescoço na direção do som. Dois jacus pousados a poucos metros fixavam nela os olhinhos pretos, as cabeças ligeiramente torcidas para tê-la no campo de visão. Eles também sabiam observar.

O canto dos pássaros

Helen Souza



Os quatro caminhavam com certa pressa pelas árvores da floresta. Eram um pequeno grupo de humanos: um casal e seus dois filhotes. A cada passo, vasculhavam o ambiente com os olhos. Aquele ponto brilhante no céu ainda estava bem alto, mas logo ele adormeceria e ficaria escuro. Predadores apareceriam. Tinham que achar um abrigo antes disso.

Procuraram por toda a tarde e quando o astro noturno estava iluminando a floresta, eles encontraram uma caverna. Ela abria sua boca de forma convidativa, mas eles não adentraram muito. O macho ficou olhando para fora o tempo todo, atento a qualquer predador. A fêmea segurou seus filhotes perto de si, buscando aquecê-los naqueles momentos de escuridão, e algum tempo depois, os três dormiram. Quando abriram os olhos, o macho já estava acordado novamente, vigilante.

A fêmea se aproximou, sem dizer nada. Não poderia nem se quisesse – ainda não havia língua que traduzisse o que sentia. Não havia língua nenhuma. Ela fez um grunhido baixo, que o macho respondeu com outro. Era o suficiente. Levantando-se sobre as duas pernas, o macho caminhou para fora. E depois, desapareceu entre as árvores.

Ele iria trazer alguma coisa de volta. Na cabeça da fêmea, imagens de coelhos mortos sendo carregados a deixavam satisfeita. Quase faminta, até. Mas ela deixou essas imagens de lado e olhou para as crias. As duas brincavam com pedras. Batiam elas na parede, um no outro, jogavam para longe. A fêmea observou aquilo sem expressão no rosto, sem imagem na cabeça. Apenas observou.

* * *

Luas e sóis acompanharam o trio que esperava o retorno do macho. Faminta, a fêmea emitiu um som chamando as duas crias e saiu com elas quando o dia começou, procurando algo que pudessem comer enquanto o outro não voltava.

As árvores se levantavam sobre a grama, observando o trio que se movia entre as plantas selvagens e as pedras irregulares. Sombras de folhas se projetavam no chão, criando vultos e esconderijos.

A fêmea parou de repente, fazendo os dois filhotes também pararem a caminhada. Ela se curvou, se escondendo na grama alta, olhando com atenção para um pequeno animal que comia. Um grunhido de fome reclamou na sua barriga, fazendo a visão do bicho ser cada vez mais preciosa. Tinha que caçar aquilo. Tinha que comer aquilo, se não iria morrer.

Deu um salto pra frente, gritando e avançando contra o animalzinho, fazendo ele correr com o susto. A mãe perseguiu o bicho com toda a velocidade, tentando encurralá-lo em algum lugar, mas sem sucesso. Quando o perdeu de vista, a humana parou, fechando os punhos com força. Ela bateu os pés no chão, gritando contra as árvores, arrancando grama e jogando no ar.

Seus filhotes se aproximaram devagarinho. A mãe parou um instante, incapaz de olhar para os dois. Quando ela não parecia tão perigosa, eles vieram e estenderam as mãos. Entre os dedos sujos estavam pequenos galhos cheios de frutinhas. Sem saber se aquilo era bom ou útil, os filhotes apenas olhavam para o chão, com medo de como a mãe iria reagir.

Ela pegou um dos galhos e comeu uma das frutas. Sentindo um gosto bom na boca, decidiu que comeriam aquilo. A mãe andou por algumas árvores até se sentar no chão. Seus filhos vieram junto. Ela dividiu os galhos entre eles e enfim comeram.

Os três continuaram sentados. O sol ainda estava alto. As narinas queimavam um pouco ao respirar. Mas a sombra da árvore era boa. Continuaram ali.

Até que de repente, um dos filhotes prendeu os olhos nos galhos. Não tirava sua atenção deles. O outro acompanhou o olhar, querendo saber o que havia ali. Finalmente, a fêmea também olhou.

Um amontoado de galhos e penas estava pousado na árvore. Os três nunca tinham visto algo parecido, e continuaram encarando aquela construção estranha, esperando que o dono aparecesse. E logo ele apareceu.

Tinha asas marrons, carregava no bico algumas minhocas. Era um passarinho minúsculo, caberia na palma da mão se um dos filhotes o pegasse. A ave se aproximou dos seus filhos, que faziam uma grande algazarra.

Ela os alimentava com tanta facilidade, que a mãe humana quis se tornar um passarinho. Caçar minhocas era mais fácil que correr atrás de animais.

Logo apareceu outro pássaro, acompanhando a mãe. Ele viu como as coisas estavam e começou a piar, como se estivesse dizendo alguma coisa. Ao terminar de alimentar os filhotes, a mãe pássaro também começou a piar. E era um som engraçado, um ritmo diferente.

Os dois filhotes de humano tentaram imitar o casal de passarinhos, sem muito sucesso. Ao ouvir suas imitações toscas, uma ria do outro, e imitavam a imitação, começando a brincar novamente entre si. A mãe continuava olhando para cima, atenta aos sons.

* * *

Nuvens escuras começaram a ser trazidas pelos ventos quentes. Logo que o céu azul se tornou cinza, e os três humanos começaram a se mover em direção à caverna onde estavam abrigados. Água começou a cair do céu. Muita água. As gotas bateram contra as costas dos três sem piedade até que chegassem no abrigo. Tudo estava molhado. Eles, o chão, as paredes. Tudo. A entrada da caverna não era mais tão segura e confortável como antes.

A fêmea deu alguns passos para dentro da escuridão. Os filhotes ficaram parados. Não queriam entrar. A mãe os puxou para dentro. No escuro, apenas sentiam a mão da humana segurando seus pulsos. Ela os puxou para perto. Abraçados, os três ouviam os barulhos da chuva violenta abafados pelas paredes rochosas. Roncos celestiais soavam como grunhidos do mundo, agressivos como predadores, mas invisíveis. As crianças tremiam. A mãe acariciava seus braços, tentando aquietá-los, mas eles continuavam com medo.

Foi quando uma imagem veio à sua cabeça. Diante dos seus olhos, viu os dois passarinhos no galho, piando para seus filhos. Aquela melodia que seus filhos tentavam imitar. A mãe fez um grunhido agudo, estranho, e ficou em silêncio de novo. Mas aí tentou outra vez. E a cada melodia que tentava imitar, mais seus barulhos pareciam com os pássaros, e mais aquela cena do ninho parecia presente. Os trovões pareciam mais distantes e menos assustadores. Os meninos pararam de tremer. E de repente, os pássaros estavam ali. E a escuridão era tão acolhedora como a sombra refrescante da árvore, e aquele momento, aquele simples momento, era paz.

Tomada de consciência

André Eitti Ogawa



Numa alvorada do mês de abril, quando os suiriris já tramavam o seu retorno, Alberto sentiu no rosto um sopro frio, mas uma boa atmosfera em seu entorno. Deixou sobre a mesa o celular, os fones e o carregador. Pendurou as chaves da belina. Livrou-se de todo aquele engodo.

Na picada que levava até o riacho das sete-curvas, mirou as abelhas-operárias fazendo jus ao nome. Coletou do pé um fruto silvestre da estação, deliciou-o por minutos, sem preocupação. Deitou-se sobre a relva e ouviu o farfalhar nas copas verdes cintilantes. Contemplou, numa clareira, os colibris em seus voos rasantes. Lembrou-se de como a vida podia ser menos petulante.

No entardecer que sobreveio incandescente, sete biguás se estendiam sobre um costão. Alberto sentiu um conforto limpo em sua mente e um leve formigamento em sua mão. Recordou-se dos tempos de infância, quando os dias eram quentes e as noites pura diversão.

Banhando-se nas águas não tão límpidas como de outrora, curtiu o aroma doce dos jasmins e sentiu o cascalho massageando seus pés. Distraiu-se com uma fila de saúvas marchando pelo chão e admirou as tirivas cantarolando com alta empolgação. Deu-se conta de que não eram somente os filmes e livros que lhe despertavam emoção.

Nos últimos raios lançados de sol, quando os charões conciliavam alvoroçados, Alberto assobiou em lá bemol e sentiu o coração reconfortado. Um carijó o espreitava ao longe, empoleirado, e um socozinho entretinha-se com um peixe fresco, recém-pescado. Respirou fundo e percebeu como tudo aquilo se conectava como um firme laço, mas de que o homem se apartava com as distrações e exigências da vida dura em seu encalço. Então veio à mente a imagem de um atobá repleto de petróleo e uma batuíra presa ao cordame de uma máscara facial. Refletiu como a relação entre sociedade e natureza ia intensamente mal. E numa daquelas sínteses do pensamento maduro, encontrou seu eu do passado, presente e futuro, e partiu com esperança, alegria e convicção para transformar o mundo. Ou, ao menos, dar a sua contribuição.

Destruidor de gaiolas

Waldir Capucci



Ao caminhar em direção ao palco foi impossível conter a emoção. Estava estampada no rosto do palestrante, o sorriso tímido e o leve rubor eram sinais evidentes. O retorno para a cidade natal após trinta anos de ausência era marcante, ainda mais que fora a convite, para o encerramento da Semana de Biologia da faculdade local. Quem falaria para os alunos, mestres e convidados não era o Andrezinho "*Bird*" – seu apelido de infância, mas o Dr. André Campenello, ornitólogo respeitado internacionalmente, com trabalhos publicados em revistas internacionais e sempre convidado para palestras no meio acadêmico.

Parte de sua emoção era pela ausência dos pais, seus grandes incentivadores, e que certamente se orgulhariam do filho, se vivos estivessem, para acompanhar a cerimônia.

O convidado fez os agradecimentos protocolares, saudou amigos e antigos professores presentes, e deu início a sua fala relembrando da infância e falando da emoção que sentira horas antes, ao chegar na cidade. Contou que ao passar pela antiga chácara onde crescera, e ali fora para mostrar a esposa e filhos, constatou que ela permanecia igual apenas em suas memórias afetivas. Tudo estava diferente, o local fora loteado e transformado em ruas e avenidas asfaltadas, ladeadas por edifícios residenciais e comerciais. A exuberante natureza verde e o silêncio mavioso de sua época deram lugar a paredes cinzentas, recheadas de placas publicitárias e barulhos ensurdecedores ao redor. Poluição visual e sonora dos tempos modernos.

A saudade o detivera um bom tempo para rememorar o que ali vivera e contar aos filhos do local outrora paradisíaco, com fartura de água proporcionada pelo rio que ladeava a propriedade avolumado pelas nascentes existentes no terreno. Ali conhecera e convivera com a fauna, a flora e a terra. Não existia um pomar propriamente dito; as árvores carregadas de frutos esparramavam-se por toda a propriedade e serviam de comedouro natural para a infinidade de pássaros que viviam no local. Em qualquer estação do ano havia abundância para suprir pessoas, animais e ainda vender parte da colheita no mercado local. Animais silvestres também eram encontrados, mas a grande paixão do menino eram os pássaros. Dessa paixão adveio seu apelido: Bird – pássaro em inglês.

Maravilhou a cabeça das crianças ao falar de espécies como o azulão, trinca-ferro, sabiá, canário, sanhaço, curió, pintassilgo e outros que habitavam a área e singravam os ares diuturnamente. Aves maiores, como araras e jacus coabitavam o local e dividiam a fartura alimentar em completa harmonia. Conhecia e imitava o canto de muitos deles, e pelo assovio costumava chamá-los quando adentrava as matas. Eles atendiam e alguns até o circundavam, chegando a comer na sua mão.

Seus pais nunca permitiram aprisionamento de espécies, e Andrezinho nunca deixou de obedecê-los. Ganhou fama na escola como destruidor de gaiolas, arte desordeira feita constantemente para libertar pássaros reclusos naquelas ostentações pelas paredes de vizinhos. Nunca fora castigado por agir assim, o que sempre o encorajara para novas e iguais estripulias.

A mesma admiração que os filhos demonstraram com a narrativa a tiveram os ouvintes daquela noite; a plateia aplaudia e fazia perguntas. E André as respondia com detalhes e testemunhos que encantavam a todos.

Contou de espécies que abundavam na região e estão quase ou totalmente desaparecidas; alertou sobre a importância da preservação, incentivou os estudantes a pesquisarem e catalogarem o patrimônio ainda presente e a necessidade do replantio de árvores em áreas degradadas para recuperar a flora e alimentar a fauna.

As perguntas, muitas escritas, chegavam em profusão tamanho o interesse despertado, o que alongou o evento

além do esperado. Ainda assim, André não aparentava cansaço e mostrava-se solícito em responder. Mas a cerimônia precisa ter um fim, e foi lançada uma última pergunta ao homenageado.

– Qual a grande mudança que observou depois de tantos anos ausente?

André pediu um tempo para pensar. A resposta encerraria o evento e precisa ser uma mensagem que coroasse sua participação. E a deu:

– Quando criança a cidade era ainda pequena e havia muito mais pássaros do que homens por aqui. E algumas pessoas aprisionavam aves em gaiolas, o que me fez ser um inimigo de tal prática e ter como missão destruí-las. Hoje, trinta anos depois, vejo que existem poucos pássaros, mas não vi gaiolas aramadas. Por outro lado, a população cresceu muito e a vi aprisionada em apartamentos e condomínios, ou seja, gaiolas de concreto ou muros prisionais, que não tenho forças para destruir. O homem é livre somente em sonhos, mesmo eu habito com minha família em uma gaiola de concreto em razão da violência. Os pássaros são mais livres e felizes do que nós.

A ovação foi calorosa e demorada. André desceu do palco, recebeu cumprimentos e se retirou com a família. Com as palavras finais certamente despertara, ao menos em um único estudante presente, a mesma vocação que o fizera realizar-se profissionalmente. Partiria sabendo que dificilmente retornaria, mas consciente que quebrara pela última vez uma gaiola em sua cidade natal, e mais um pássaro estava livre para voar.

Os olhos de ver pássaros

Bruno Marquês Areno



Perdão pela minha atitude, mas quero ensinar algo aos pássaros. Na verdade não é ensinar, mas sim mostrar aos pássaros o que é a verdadeira liberdade: o pássaro livre não é aquele que percorre o mundo no simples bater das asas. O pássaro livre é aquele que coloca os pés no chão, ganha a coragem e percorre metros, até mesmo centímetros, mesmo consciente de que a qualquer momento pode ser devorado por feras. Isso sim é liberdade. Dizer não, não aos outros, mas a nós mesmos e aos nossos medos.

Deveria ter eu nove ou dez anos, não me lembro bem, acho que tinha eu nove, sim, nove. Quem nunca mergulhou numa mata para caçar* pássaros, esse nunca entenderá o que tenho para contar. Com uma fisga na mão, meus amigos e eu de pés descalços mergulhávamos nas grandes matas da minha aldeia para caçar pássaros. Na verdade, a gente não caçava, fazíamos algo muito sério, nós matávamos os coitados com uma simples fisgada, acompanhada de uma pedra venenosa bem afiada, que às vezes deixava os pássaros sem vida. Sempre que nós matávamos um pássaro, o nosso peito se enchia de paz, alegria e contentamento. Menos para o chato do Miro, ele era sempre sentimentalista, chorava a cada derrame de sangue daqueles pássaros, ele sempre ia à caça conosco, às vezes só.

– Ontem fui à caça só, e cacei vários pássaros lindos, bem vivinhos – dizia ele quando nos encontrávamos.

– E onde estão os pássaros? Queremos vê-los – dizíamos nós, puxando a camisa dele, exigindo que ele nos mostrasse os pássaros que ele acabara de referir.

– Os cacei, mas não os levei a casa! – respondia ele, olhando para os pássaros que voavam naquele instante.

– Você os caçou e deixou eles voarem? Tu nunca serás um caçador de verdade quando cresceres, o rei não fará de ti o melhor caçador da aldeia. Onde já se viu deixar pássaros voarem! – dizia eu furioso.

E com grande alegria respondia:

– Eu não os capturei, muito menos os matei. Vês que a câmera fotográfica dos brancos faz? Elas sacam fotos e os nossos olhos caçam animais e bichos. Dizia ele sem parar de caçar os pássaros que voavam com os seus olhos de menino.

– Você chama isso de caçar? Minha mãe disse-me que os olhos têm a função de ver – comentou Betinho.

– É preciso ver para matar e também é preciso ver para caçar. O mesmo olha vê e mata e o mesmo vê e caça.

– Nós somos os caçadores e tu não passas de um marreco – disse eu furioso.

– Não, eu sou o caçador e vocês os matadores e capturadores de pássaros.

Ao dizer aquilo, os olhos de Miro brilhavam feito um raio solar. Naquele instante olhávamos para o céu e vimos os pássaros voando, aquele sim, era um voo de liberdade. Eles não fugiam de nada. Somente deles mesmo.

---

* A caçada aos pássaros é uma prática olhada com uma leveza em todas às etnias moçambicanas. Praticada principalmente pelas crianças. A caça dos pássaros é uma fase pela qual um caçador deve passar na infância. Um verdadeiro caçador na África é aquele que desde criança perseguiu pássaros nas belas matas da África. Infelizmente, essas práticas ainda fazem-se sentir até nos dias de hoje. Mas como forma de parar com isso, mitos são contados em volta da fogueira. Mitos como:

"Aquele que matar um pássaro no dia do juízo final e pássaro dirá a Deus: senhor, foi este menino que me matou."

A gravidez do bem-te-vi

Tamara Coqueiro



Doralice estava pensativa em sua varanda, sentia-se triste com algo que lhe acontecera e de repente ouviu um som estrondoso que dizia:

– Bem-te-vi!

Era um pássaro que estava em uma árvore situada bem ao lado de sua varanda. No mesmo instante ela tentou enxotar a ave, mas o bicho não lhe deu ouvidos e continuou a cantar:

– Bem-te-vi!

A cada canto do pássaro Doralice sentia que seu segredo poderia ser descoberto a qualquer momento, afinal de contas, toda a vizinhança certamente havia escutado essa ave "dedo-duro" gritando como se estivesse acusando-a de ter feito algo às escondidas. Ela observou que o som emitido através do pássaro parecia dizer eu te vi ao invés de bem-te-vi.

Nas profundezas da árvore, além de cantarolar a ave estava concentrada encaixando, com todo o cuidado, pequenos pedaços de galhos secos uns nos outros.

– Doralice!! – gritou sua mãe.

– Menina vem aqui um instante, precisamos conversar.

Quando Doralice ouviu sua mãe chamar, sentiu um grande frio na barriga e muito medo, respirou fundo e disse:

– Já estou indo.

A garota já estava no último degrau da escada, quando mais uma vez a ave gritou:

– Bem-te-vi!

A mãe de Doralice estava terminando de temperar o feijão para o almoço e comentou com a menina a respeito da cantoria do pássaro:

– Minha filha, a vizinhança já está comentando a possibilidade de alguém estar grávida.

– Esse bicho não para de cantarolar em nossa árvore.

Nesse momento ela sentiu seu coração bater mais forte e suas mãos começaram a suar, ficou em silêncio apenas ouvindo sua mãe falar. Logo após o almoço as pessoas têm o costume de descansar alguns minutos, antes de voltarem a fazer suas atividades, mas com as aves o processo é diferente, e o bem-te-vi continuava no interior da árvore a trabalhar minuciosamente em seu mais importante propósito.

Por volta das cinco horas da tarde o sol estava em uma temperatura agradável e alguns vizinhos da redondeza tinham o costume de sentar em frente às suas casas para falar da vida alheia. Todos estavam comentando a respeito da cantoria do pássaro que não saía da árvore ao lado da varanda de Doralice. Teve até uns vizinhos mais ousados que estavam especulando que a garota da casa de número 34 poderia estar grávida, afinal, se o bem-te-vi cantou, então é sinal de que vem bebê por aí.

Essa é uma superstição muito antiga que nem todos da vizinhança acreditavam. Alexandre era um biólogo que morava três casas antes da casa da família de Doralice e sempre que podia, tentava desmistificar os postulados feitos a respeito dos animais. Nesta tarde o biólogo estava de folga de seu trabalho e decidiu sair para comprar pão na padaria da esquina, quando viu vários vizinhos conversando. Ele começou a caminhar com passos lentos para tentar ouvir o que falavam, foi quando Raimunda, uma senhora de sessenta anos soltou:

– Com toda a certeza meus filhos, tem alguém que está grávida aqui pelas redondezas, o bem-te-vi não para de nos avisar, a todo momento gritando seu cântico como se quisesse que todos soubessem da notícia.

No mesmo instante Alexandre parou e disse:

– O quê? Eu ouvi direito?

Os vizinhos olhavam para o biólogo, mas não lhe davam atenção, porém, ele continuou dizendo:

– Pessoal!

– Qual a relação de um lindo cântico entoado pelo *Pitangus sulphuratus* com uma mulher estar ou não grávida?

– Isso é uma besteira!

Então, ele começou a explicar que o bem-te-vi era uma ave maravilhosa, pois havia se adaptado sem muita dificuldade ao ambiente urbano, convivendo em harmonia com os seres humanos. O biólogo afirmou que essa espécie de ave está presente em várias regiões do mundo, como o sul dos Estados Unidos até o extremo sul da América do Sul. E no momento em que Alexandre falava da ave para os vizinhos, a mãe de Doralice colocou uma cadeira em frente a sua casa para sentar-se, ela reparou que os vizinhos estavam estranhos, pareciam estar hipnotizados pelas palavras que saiam da boca do biólogo.

Por cinco minutos a mulher ficou apenas observando aquela situação, no entanto, a curiosidade falou mais alto e ela aproximou-se para escutar o que tanto Alexandre falava, pois seus olhos brilhavam como dois tomates maduros. Ao se aproximar, ela ouviu:

– Vocês sabiam que o nome popular do *Pitangus sulphuratus* em outras regiões também tem a ver com o som que ele emite?

Ao escutar Alexandre falar sobre o *Pitangus*, ela ficou confusa e perguntou:

– De quem vocês estão falando? Não conheço esse vizinho.

Os vizinhos estavam gostando de ouvir o que o biólogo falava a respeito da ave; quando a mãe de Doralice interrompeu, todos olharam para ela com caras feias, e disseram como se estivessem ensaiados previamente para falarem:

– Ele está falando do bem-te-vi!!!!

Alexandre olhou para a mãe de Doralice e disse:

– Junte-se a nós.

Ele começou a relatar que o nome do pássaro em outras regiões do mundo também tinha a ver com o seu canto; no caso dos Estados Unidos, o mesmo é chamado de *Kiskadee*; os argentinos e chilenos o chamam de *Benteveo*; e na Venezuela a ave é conhecida por *Cristofué*. Todos nomes onomatopaicos. A vizinhança escutando o que Alexandre falava ficou admirada, pois perceberam que quando o *Pitangus* cantava, parecia falar bem-te-vi, *Kiskadee*, *benteveo* e *cristofué*, uma espécie de canto em várias línguas entoado ao mesmo tempo. Além disso, o biólogo comentou também que é defensor nato dos animais e que as aves foram criadas para estarem livres na natureza, falou que era totalmente contra pessoas adotarem como bichos de estimação pássaros e achava um grande absurdo prendê-los em gaiolas.

– Os pássaros foram feitos para voar! – disse Alexandre.

Ele olhou fixamente para cada vizinho que estava participando daquela conversa e disse que o fato do bem-te-vi cantarolar pelas redondezas não significava que havia alguma mulher grávida, pois não existiam evidências científicas que comprovassem tal afirmação.

Quando Alexandre terminou de falar, alguns vizinhos o apoiaram e outros continuaram a acreditar firmemente que daqui a nove meses surgirá um novo ou nova moradora pelas proximidades. A mãe de Doralice não abandonara sua crença por nada. O biólogo se despediu dos vizinhos e seguiu rumo à padaria da esquina acreditando estoicamente ter espalhado boas sementes.

Pela manhã o sol estava iniciando seu trabalho de iluminar o bairro onde morava Doralice, ela já estava acordada tomando seu café, porém sentia-se triste, pensava em como iria contar para a mãe seu segredo. Decidiu ir até a varanda para sentir o vento bater em seu belo rosto, subiu os degraus da escada, passou pela sala de estar e

abriu a porta; assim que a moça colocou os pés na varanda da casa, escutou:

– Bem-te-vi!!!

Intrigada com o fato da ave estar sempre cantarolando em sua árvore, aproximou-se lentamente e fixou seus olhos nos galhos para ver se avistava o passarinho, logo viu um amontoado de galhos secos misturados com algo que parecia palha, ali estava um ninho e no meio dele havia três ovos e a mamãe bem-te-vi vigiando a área para que seus futuros filhotes não fossem roubados ou destruídos por predadores.

Doralice ficou maravilhada com a cena e logo correu para falar à sua mãe o que tinha visto.

– Mãe!

– Já sei porque o bem-te-vi grita tanto.

Uma janela para o jardim

Verônica Mota



Quando o sabiá laranjeira começou a cantar novamente em agosto, mal sabia que já era famoso nas redes sociais. Na temporada passada, a menina da janela já havia postado um vídeo dele, entoando seu canto em meio às folhas do bambu. Observar as aves do jardim se tornou a tábua de salvação dela, desde que as pestes acometeram o país e deixaram-na presa em casa.

As saracuras também são bastante animadas... naquele jardim, gritam umas três vezes ao dia, conversando. O grito parece assustado, afobado, mas a menina percebe que elas são felizes ali, só por poderem gritar. A voz das saracuras concorre com o canto dos "verdinhos agitados": periquitos, jandaias, maracanãs e aratingas sobrevoam o bairro, sempre tagarelando e parando numa árvore ou outra de vez em quando. Também os tucanos vocalizam ao longe, principalmente pela mata da encosta. Quando um deles resolve passar em frente à janela da menina, arranca sorrisos e suspiros.

Um passarinho intrigou a menina durante meses, até que ela conseguisse identificá-lo. O gaturamo-verdadeiro imita vozes de outras aves, fazendo um *pout pourri*. Até a voz do gavião-carrapateiro ele incluiu no seu repertório! Entocado no bambuzal, fica até cinco minutos dando seu show. Outro dia, uma notícia abalou toda essa festa... a menina já está triste de pensar que aquele jardim cheio de sons e cores, em breve poderá estar totalmente modificado, com tijolos e concreto... A tristeza não será só da menina, mas das aves, esquilos, cotias, sapos e grilos que perderão sua morada. Várias janelas perderão o sol da manhã. Perderão aquele frescor, cheiro de mato, som da chuva nas folhas e dos bichos. E o bairro perderá mais um pedacinho de mato...

Mas vamos esperançar! Quem sabe este conto consiga tocar o coração do bicho ser humano que quer levantar aquelas paredes, para construir sem destruir tanto?

Asas cor de prata

Ágda Franco Barrêto



Como de costume, naquele dia me levantei bem cedo. Falei com Deus, li a Palavra, tomei meu café. Observei, do alto das escadas que levavam ao quintal, que todo o verdor do pomar já me esperava, ansioso pela água fresca que ajudaria cada fruteira e as singelas flores que lá viviam a enfrentar a quentura do clima sertanejo.

Na cozinha, senti falta de Bianca, minha filha e companheira de cuidados com o quintal. O sono acumulado de noites mal dormidas, estudando horas a fio as matérias da faculdade, a prendera sobre o leito por mais tempo do que o esperado. Não a incomodei. Olhei com orgulho para ela e meu coração estimulou seu descanso.

A lembrança de Pedro, seu pai, invadiu minha mente e alma. Quanta saudade. Que partida tão prematura para que minha compreensão humana entendesse facilmente aquela ida inesperada. Foi por influência dele que Bianca e eu nos tornamos capazes de perceber a natureza da forma como fazemos hoje. Sua rica e generosa percepção do mundo natural e de tudo o que o compunha, conosco compartilhada, foi um de seus legados sem preço a nós deixado.

Apesar de o espaço convidar para ser feliz, meu espírito estava um pouco desencantado. Eu estava triste e cansada, era a verdade. Ainda assim, o compromisso com as plantinhas e os passarinhos que nelas faziam morada me impelia a aguar uma a uma, amorosamente, e a repor o líquido bendito em todos os reservatórios, há tempos dispostos nos galhos mais baixos de algumas frutíferas.

Enfrentei a longa descida das escadas, e me concentrei em dessedentar nossas companheiras de criação divina e de vida. Muitos e alegres passarinhos já se ache-

gavam para se hidratar e se banhar na água fria. Ouvir seus cantares acalentou meu coração e me estimulou a cantar também, timidamente. Entoei ao Senhor os meus louvores favoritos. As nuvens dentro de mim começavam, pouco a pouco, a ceder espaço para o sol, que alteava mais e mais.

"Fogo-pagô, fogo-pagô, fogo-pagô". Era essa a cantoria que escutava sobre minha cabeça, enquanto retirava algumas ervas daninhas teimosas em crescer ao redor do tronco retorcido do pé de pinha. Olhei para o alto e vi uma senhora rolinha "fogo-apagou" prestes a acomodar-se no próprio ninho.

Habilidosa e diligente, a pequena organizou-se sobre os ovinhos brancos e miúdos e a folhagem quase a cobriu. Ainda assim, eu tinha uma visão privilegiada dela e podia admirar detalhes de seu corpinho e do olhinho que brilhava, já esperançoso pelas vidas que chegariam. Aquela situação desenhou em meu mundo interior um novo cenário. Colorido, sonoro, balsâmico.

Fiz o máximo que pude para não a assustar. Sentei-me no banquinho de madeira que Pedro usava, enquanto fazia seus consertos domésticos. E pus-me a admirar tudo, por um bom tempo. Encantei-me com a manifestação do poder e do amor de Deus, materializados naquele ser tão sereno e cheio de paz.

Aparentemente sozinha no mundo, aquela rolinha me mostrava o que era a força, ainda que escondida em um corpo frágil. O que era a confiança na providência e na proteção do Pai celeste. O que significava esperar sempre o melhor para o futuro, mesmo diante da delicadeza de nossos "ninhos", da incerteza de nossos primórdios de vida. Mesmo diante dos "predadores" de nós mesmos, que com frequência nos rondam. Ela me relembrava muitas verdades um pouco adormecidas para mim.

Notei que, muito perto do ninho, uma pinha madura se oferecia para ser colhida. Hesitei por um instante, temendo uma aproximação com menos de trinta centímetros, que certamente a assustaria e a faria voar. Mas, arrisquei,

em busca da fruta pronta para ser degustada, e curiosa para ver a pequenina tão de pertinho. Peguei a escada de ferro e subi, vagarosamente. Para minha surpresa, ela não se moveu. Me olhou meigamente, como se me dissesse que queria minha amizade e companhia. Fitei-a com atenção e falei:

– Oi, querida, obrigada por estar nesta árvore! Por construir sua casa em nosso quintal. Por me deixar ver seus bebês em formação. Agora estou feliz, viu?! Vou te chamar de Felicidade! O que você acha?! Porque você me trouxe muito contentamento nesta manhã, sabe? E porque sua presença está me ajudando a abandonar a estrada da tristeza, para a qual estava pendendo hoje. Você é muito especial e muito bem-vinda aqui! – eu me derramei, grata.

De repente, quase caio da escada, pega pela repentina e inesperada presença de Bianca, que há tempos me observava.

– Tá falando com quem, Dona Rebeca?! Deu pra prosear sozinha, foi?! – gracejou aquela linda moça, ainda de pijama e comendo uma apetitosa tapioca.

Com um sorriso no rosto, respondi que estava proseando, sim, mas longe de ser sozinha. Eu estava tendo o privilégio de conversar, pela primeira vez, com minha mais nova amiguinha. Ela tinha asas cor de prata e ternamente me incentivava a querer de novo alto voar.

Eu, os salvadores e a rolinha

Pedro Franco



Tolos são os que julgam que só fatos notáveis e principalmente se há pecúnia, devem nortear nossas vidas. O dia no hospital fora terrível e até perdera doente, que não pensei em perder. Evoluía bem e, sem explicação plausível, morrera. Um aluno reclamara de nota, um colega demonstrou ciumada, porque não o convidei para fazer parte da equipe de uma pesquisa. De fato, não o convidei porque em vez anterior queria pôr o nome no trabalho, só que trabalhar no mesmo, estava fora de suas cogitações. Reclamou na frente de outros colegas e teve que ouvir a verdadeira explicação pelo não convite. E minha vida no hospital costumava ser amena. Aquele dia fora exceção.

E com as lembranças do dia aziago, fui apanhar o automóvel no estacionamento dedicado aos professores. Dia quente e parece que o calor amplia chateações. Vejam que não vinha bem naquele fim de ensolarada manhã. À tarde o consultório. A vidinha dura de sempre. Sem falar na difícil situação do País, da Terra... Eis que vejo galhos podres entre os automóveis, caídos das velhas figueiras. Vou me atrasar, pensei. Havia três guardas, um antigo servidor do hospital, um desconhecido e quatro escadas em ação. Pasmem, atrasei-me e nem me zanguei. Três simples escadas de madeira, amarradas uma as outras, por cordas e cintos, para poderem atingir o alto de uma figueira. Eram árvores seculares, estavam velhas e ninguém queria tirá-las. Para mim faziam parte do meu velho hospital, minha casa desde aluno. Entrar aluno, em breve me aposentaria, levando um presente não esperado, quando ali entrei. Fui professor do filho e da neta. Voltemos ao estacionamento. Uma quarta escada, em ângulo, amparava as demais, só que sem estabilidade. Quatro homens seguravam as escadas e o quinto, em precário equilíbrio, subia

para alcançar os galhos mais altos, alguns já podres. E o homem se arriscava e não atingia o ponto desejado.

– Doutor, uma rolinha ficou presa pelos pés e está de cabeça para baixo, ali.

Olhei e de fato havia uma rolinha pendurada e se debatendo. O sol me dava nos olhos e com dificuldade vi a rolinha. E rolinhas não são passarinhos de grandes alturas. E como gostei do que vi! Cinco homens se arriscavam a quebrar-se, cair, arranhar um automóvel, arrumar aborrecimentos, para salvar uma rolinha. Que despreocupada, indo à altura, onde não devia, prendeu o pé e estava em má situação, pendurada.

– Pode tirar o carro, Doutor!

– Deixa p'ra lá, eu espero.

– Se o Doutor tirar o carro, fica mais espaço para colocar aquela escada ali.

Tirei o carro logo e, para não atrapalhar os outros automóveis, saí do Gaffrée e Guinle. Estava menos amolado do que chegara ao estacionamento, depois de um dia difícil. Se os mais modestos arriscam a vida para salvar uma rolinha, será que os ditos mais cultos não saberão salvar o ensino, o hospital, a cidade, o estado, o País e a Terra?

Não é pouco se agarrar ao destino de uma rolinha, para mudar de ânimo em dia pesado, perguntarão? Rolinhas tico-ticos, e cambaxirras são passarinhos modestos e nem por serem desvalorizados em vendas, deixam de ter encantos. Portanto, a boa vontade daqueles homens foi bem recebida e me salvou o dia.

No dia seguinte quis saber da sorte da rolinha. Minha curiosidade não fosse provocar alguma advertência aos salvadores. Encontro um deles no corredor vazio.

– E a rolinha?

O final não podia ser melhor. Quem subia nas escadas era um bombeiro, que se tratava no hospital. Com a escada, onde estivera meu automóvel, pode chegar ao

galho e salvou o passarinho. Que voou logo para outra árvore. Assuntaram e viram que entre galhos mais baixos havia ninho. Talvez tivesse se arriscado para apanhar graveto para o ninho e tivera uma das patas enroscada. Então os homens salvaram uma família de rolinhas, sem nada querer, exceto salvar um passarinho de Deus. Aquele dia correu bem e saudei cada um dos salvadores, quando os encontrava. Percebi que recebiam o cumprimento e se admiravam. Para eles nada tinham feito de mais. Como, se estivermos atentos e sem soberba, podemos aprender com qualquer pessoa. Já nos afirmava o poeta-filósofo Billy Blanco. "Tudo termina com terra por cima e na horizontal." No tempo em que a inteligente letra da "A banca do distinto" fora escrita, não havia exumações, E viva a rolinha!

Nas lentes da liberdade

Erika Patricia Costa Goncalves



Sentada na varanda da humilde casa de sua avó, Odara se depara com os ventos de agosto em meio às gotas de chuva caindo.

No meio quintal, as árvores balançavam sem parar e um assobio forte se escutava; pelas lentes de seus óculos ela se depara.

Pequeno, frágil e belo, segurado por uma linha de pipa, um sabiá-laranjeira preso no pé de laranja. Que tristeza ver aquilo, parou!!!

Sem pensar, corre para o quintal, sem medo, sem receio, corta a linha das amaras... as lentes dos seus óculos cheias de gostas de chuva e uma felicidade sem tamanho em seu coração.

Liberdade!

O voo da ave

Mário Vicente



Quatro horas da madrugada, sem sono estava Kasinda no gozo dos seus seis anitos, gritava parecendo ter visto um fantasma no escuro, até a sua mãe ter sido acordada.

– Filho, o que foi, conta na mamã.

– Sonhei que um passarinho veio visitar-me.

– E como era o passarinho, querido?

Não sei dizer, mas ele não pousava, apenas voava no topo das árvores perto à janela do meu quarto.

– E acordaste por isto, filho? Todo mundo sonha com passarinho, não é?

– Todos não, mãe, o Zola sonha com porcos todos os dias, mas não desperta do sono como eu, o Loguenda sonha a cavalgar. Que mal tenho com as aves?

– Oh, filho. É tão tarde para te explicar tudo, mas prontos. Acho bom sinal que sonhes com as aves, que me dera sonhar com elas todos os dias. Inquieto, Kasinda franziu a testa e resmungou:

– Só acredito na minha professora, a mamã às vezes mente, ela não.

– Querido, as aves tiram seus voos por nos ensinarem a ser livres, do ócio da vida e de tudo o que a gente não quer se libertar, são os únicos seres livres na terra, só eles decidem o que ser e fazer, ao contrário de você e eu que desejamos admirar e ser admirados pelos outros.

No voo da ave existe o ensino da persistência, e todos merecemos despertar a ave que jaz em nós e voar para lá não sei por onde.

Imperecivelmente vinculado

Fernanda Luiza Viana Ferreira



Estou com a cabeça apoiada na mesa, bem cansada. Minha avó fala como o tempo passou e como estou crescida, como está feliz em ter ido visitá-la, enquanto minha mãe a ajuda a preparar o café. A viagem de carro foi longa e ainda são só oito da manhã.

– Café com leite, meu amor? – pergunta a minha mãe entornando o líquido bege no copo a minha frente, sem ouvir a resposta.

– Sim… – digo com um sorriso fraco.

Um pequeno pássaro preto, indiferente a nossa presença, pousa na janela olhando para a grande amendoeira do quintal. Cantava num charme doce e delicado, quase angelical, que me encantava em meio à precoce irritação.

Tomo a bebida com gosto, já não mais com os ombros caídos, admirando uma certa pureza que seu cantar e sua presença exalavam.

Já é noite quando estou no meu quarto, presa novamente dentro da minha própria cabeça, com o pensamento longe. Me reviro na cama enquanto fantasio meu final de semana perfeito, me perguntando o que estará fazendo aquele pequeno passarinho.

Entre um cochilo e outro me sento na cama levantando num movimento brusco, brava. Por que não pego no sono logo? Bufo e é o último segundo de meu aborrecimento, pois as cortinas agora esvoaçantes, à minha esquerda, tomam a minha atenção. Chegando com mais uma levada de brisa, pousa na janela o soturno pássaro preto, gracioso, vindo da escuridão tão bela salpicada de estrelas.

Ele mantém seu olhar fixo em mim, inclina a cabeça e pia; saio da cama e vou com calma ao seu encontro, receosa de espantá-lo. Mas, ele curiosamente permanece

imóvel, consciente de mim, com sua beleza de ser tão pequeno e encantador, me encarando. Contudo me passa uma mensagem sinestésica pelo ar, de frieza e mistério.

Já perto dele, sua postura é a mesma, taciturno, posso notar em seus pequenininhos olhos muita profundidade. Assombrosa e formidavelmente, brilho, vida.

Ele pia para mim e sai voando, pulo a janela e corro atrás dele, mas já sumiu entre as árvores.

Galhos e folhas passam no meu rosto, no meu braço, nas minhas pernas, me arranhando, conforme corro, tentando acompanhá-lo, que é demasiadamente rápido. Olhando para o céu, para ele, para não o perder de vista, eu não olhava o que havia na minha frente, e como consequência tropecei em uma raiz de uma árvore grossa e bati com a cabeça numa pedra.

Levo a mão a minha testa, no ferimento aberto que sangra. Tonta, preocupada, olho para aquele líquido vermelho denso, e escuro escorrendo pelos meus dedos; sinto o sangue escorrer pela minha bochecha pesar minhas pálpebras, entre meus cílios…

Passo as costas da mão no meu olho com mais força do que deveria tirando o sangue, olho para o céu noturno e lá está, com uma revoada de pássaros pretos e soturnos como ele. Voam em círculos sobre mim no formato de uma grande folha negra, com a lua amarelada e genuína, no fundo: sou arrebatada por uma beleza assombrosa e indescritível, sentindo minhas lágrimas quentes e tão salgadas, vendo as coisas meio embaçadas, enquanto me vagueia a sensação de horror.

Sentindo-me vazia e sufocada, com uma dor de cabeça infernal, percebo estar novamente em meu quarto, conforme os segundos passam e meus sentidos voltam. Minha mãe e minha avó estão em cada lado da cama, com expressões tristes e preocupadas; minha mãe com um lenço assoando o nariz e vovó me acariciando, dizendo – vai ficar tudo bem, querida, segurando as lágrimas. Estou com a cabeça enfaixada.

Olho para o reque a minha frente e me pergunto como não o notei antes. O nocivo e inescrutável pássaro. Ele pia e inclina a cabeça, imaculado. Inclino a cabeça para o outro lado, miserável.

– O que está olhando, filha?

Pego o vaso de flores de plástico na pequena escrivaninha a minha direita num movimento abrupto e jogo em direção à ave. Ele some como se fosse uma ilusão ao ser atingido. O vaso bate na parede e quebra. Bufo me sentindo um monstro irremediável.



SOBRE OS AUTORES



Adriano Besen é escritor e músico. Natural de Florianópolis, Santa Catarina. Autor do livro infantil: "A história de uma galinha". Foi colunista do jornal O Tropeiro. Trabalhos publicados em antologias, revistas, jornais e sites literários. Contador de histórias e apaixonado por livros. Facebook: https://www.facebook.com/adriano.besen.7

Ágda Franco Barrêto é paraibana, professora de Língua Portuguesa, escritora, admiradora da arte de escrever e aprendiz desta. Recentemente, vem se dedicando à escrita de poemas e narrativas curtas. Faz do contato com e do amor à natureza uma de suas maiores inspirações para produzir seus textos.

Agnes Izumi Nagashima é paranaense e biotecnóloga com mestrado em Ciências de Alimentos. Escreve contos e poemas e publicou em diversas revistas literárias e coletâneas, algumas com premiações. Já participou de banca avaliadora de concursos de contos e poesia. Faz parte da UBT (União Brasileira de Trovadores) Londrina, do grupo de escrita Contopeia, da Comissão de Autores Literários da WebTV e é acadêmica correspondente da Academia Internacional da União Cultural.

Alex Rosa nasceu na cidade de Jundiaí-SP. Premiado em mais de 60 concursos, nacionais e internacionais. Fez sua estreia com o livro de Poesias "Contrassenso–Sobre Nuvens e Tempestades", sob o pseudônimo de Alexandre Saro. No mesmo ano lançou o livro de contos "O Fio de Ariadne e outras histórias". Viaja pelos quatro cantos do Brasil a bordo da Banda de Rock "Biquíni Cavadão", da qual faz parte como integrante da equipe técnica.

André Eitti Ogawa é natural de Garça, município do interior de São Paulo. Atualmente reside em Florianópolis-SC, onde se pós-graduou em História e trabalha como técnico em assuntos educacionais no Instituto Federal de Santa Catarina. Mestre em Educação, pesquisa sobre a vida e obra do filósofo húngaro István Mészáros.

Bruno Marquês Areno, nascido na cidade de Nampula, Moçambique, é estudante de letras na Universidade Rovuma.

Charles Moreira Oliveira Bezerra, 45 anos, casado, Auxiliar Técnico Pedagógico Efetivo do Município de Novo Oriente-CE. Graduado em História com Especialização em Gestão Pública Municipal.

Efigênio Moura é escritor regionalista do interior da Paraíba (Monteiro-PB). Com dez livros publicados e sempre usando a oralidade nordestina em seus diálogos, o autor é bastante convidado para palestras e seus livros (todos) estão em salas de aula. Um de seus livros foi traduzido para o inglês. O conto Pássaros Cor de Prata faz parte do livro inédito: "O Mundo Semiárido de José".

Erika Patricia Costa Goncalves é estudante de Biologia, amante da natureza e admiradora das artes.

Fátima Soares Rodrigues foi premiada em verso e prosa no Brasil e exterior. Autora dos livros: poesia - "Mais que liberdade, livramento!", Telucazu Edições, fev. 2019, e crônicas: "O ônibus nosso de cada dia!", Telucazu Edições, fev. 2021, contemplado pela Lei Aldir Blanc, Edital 24/2020, Seleção de Propostas de Publicações Literárias, com o apoio do Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e do Governo do Estado de Minas Gerais.

Fernanda Luiza Viana Ferreira é uma jovem negra de 13 anos, reside em Nova Holanda, uma das 16 favelas que formam o Complexo da Maré, no Rio de Janeiro-RJ. Ama escrever desde sempre, pois é o jeito que encontrou mais simples, claro e objetivo (e que a agrada) de se expressar e se distrair diante da realidade e dos seus receios.

Francisco Cau, 65 anos, natural de Porto Alegre - RS, acadêmico de Letras, artista plástico, poeta e escritor premiado em diversos concursos literários, tendo recentemente publicado o primeiro volume de um pocket-book de poesias de uma coleção que será composta por cinco volumes com o título "+ Poesia - Hipocrisia", também está escrevendo um romance-aventura com o título provisório "Uma aventura por amor", e outro sobre a sua viagem para participação no simpósio de artes em Tbilisi/Geórgia, em 2017, com o título "As aventuras de um artista gaúcho na costa da Rússia", ambos com previsão de lançamento entre o segundo semestre de 2022 e o primeiro semestre de 2023. Recentemente lançou seu primeiro livro com o conto intitulado "O menino do lixão".

Helen Souza é escritora desde os 10 anos de idade, tendo seu primeiro livro publicado aos 14 pela Editora 8, intitulado "As Fantásticas Crônicas de Sarah". Hoje, aos 20 anos, continua escrevendo histórias curtas e poemas, mas também completou outros dois romances, disponíveis gratuitamente em plataformas online como o Nyah! e o Wattpad, sob o usuário @souhelen.

Hélio Guedes é acadêmico Titular e Diretor Administrativo da Academia Brasileira de Poesia – Casa Raul de Leoni (ABP), Petrópolis, RJ. Membro Efetivo da Academia Internacional da União Cultural. Poemas, contos e crônicas publicados em antologias, revistas e blogs especializados no Brasil e no exterior, redator e responsável pela consolidação do conteúdo de duas edições do Dicionário do Petróleo em Língua Portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique) pela PUC-Rio / Editora Lexikon. Professor Universitário da Escola de Engenharia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP) entre 1975 e 2010 e professor de cursos de pós-graduação em várias faculdades brasileiras.

Hilda Curcio, nascida em Leopoldina, MG, funcionária pública aposentada, residente em Brasília, DF, um filho.

Isabela Torezan é escritora e tradutora formada em Jornalismo. Nasceu em 1997 e escreve desde os 15 anos, publicou seu primeiro livro de contos em 2018 (O Bibliófago e Outros Contos, Carlini&Caniato). Também publica contos no blog Minusculoteca (https://minusculoteca.wordpress.com/) e tem alguns outros projetos literários em andamento. Lê e escreve para se manter viva e acredita no poder da literatura de tornar qualquer vida melhor.

Juliana de Caldas Rosa é Fonoaudióloga e cantora. Fã da agroecologia e da conexão com as plantas e os animais.

Através da escrita, inventava histórias representadas durante a infância. Atualmente, busca o resgate da essência criativa.

Lígia Diniz Donega mora em Ribeirão Preto, SP, tem 60 anos e escreve desde 2017. Tem participado de revistas literárias como, Literomancia, Literalivre, Ecos da Palavra, entre outras. Antologias: e-book "Os Quinze Pavios", editora Ipê Amarelo; coletânea "Preconceito - Julgamentos e Generalizações e A Mulher e a Igualdade", editora PerSe; contos infantis "Eu Conto um Conto", da editora Philia. Concursos: 2º lugar no concurso de minicontos de Ribeirão Preto, SP, 2017; 2º lugar concurso de contos pela ALGRASP, São Caetano, SP, 2019. Publicou em abril de 2019 seu primeiro livro de contos, "Redenção", pela Chiado Books. Hoje faz parte de uma comissão de avaliação literária da WebTV.

Luis Fernando Manassi Mendez, Capitão do Mar, assim literariamente conhecido, nasceu nas bandas da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, onde lá vive. Professor, escritor e jornalista, julga a escrita a sua comida.

Lurdinha Alencar, residente em Gurupi-Tocantins. Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena e Pós-Graduada em Planejamento Educacional pela FAFIC de Gurupi-TO. Atualmente não exerce atividades profissionais, pois já está aposentada. Ainda não tem nenhum livro publicado, mas participou de várias antologias em diversas editoras, onde escreveu poesias e contos.

Maria do Carmo Andrade Santos atualmente mora em Corguinho, MS. Nascida no interior de São Paulo, onde sempre prestava atenção na natureza. Formada em Biologia pela UFMS, leciona Ciências e Matemática em escola pública municipal. Também faz trabalhos eventuais como Bióloga e pesquisadora.

Mário Vicente, Mário Jacob Vicente, nascido aos 14 de novembro de 1991, natural da província do Huambo, planalto central de Angola. Possui graduação em Psicologia Clínica pela Universidade Agostinho Neto, no Instituto Superior de Ciências da Saúde (ISCISA). É membro associado à Ordem dos Psicólogos de Angola (OPSA). Além de psicólogo é professor de língua inglesa e ama a escrita criativa sobre a realidade quotidiana do seu país.

Nelci Oliveira nasceu em 1960, casada, tem três filhos e três netos. Natural de Roque Gonzalez, RS. É professora aposentada, Licenciada em Letras e Pedagogia. É especialista em Interdisciplinaridade. Desde pequena gosta de ler e escrever. Tem participação em várias antologias. Publicações em livros: "Quero Meu Nariz", infantil: Darda Editora, 2016; "A Menina de Shortinho Xadrez", infantil: Darda Editora, 2018; "Na velha casa de campo", infantojuvenil: Scortecci Editora, 2021; e "Caça ao tesouro", infantojuvenil: Scortecci Editora, 2021.

Patricia de Campos Occhiucci é professora, poeta, escritora e psicóloga, natural de Santo André, reside no interior de São Paulo, na cidade de Mogi Guaçu. Participou de algumas publicações da Psiu Editora, editora Mandacaru, Ases da Literatura de Portugal, Editorial Eco Literário, Elemental Editoração e Artner. Colaboradora da revista eletrônica BlahPsi. É uma das fundadoras da Academia Internacional Mulheres das Letras. É membro da Academia Poetas Além do Tempo. Faz parte do CUCA (Coletivo Cultural) de Mogi Guaçu.

Pedro Franco é professor Emérito da UNI-RIO. Emérito da ABRAMES e SOBRAMES-RJ. Membro UBE-RJ com medalha Antonio Olinto. 21livros publicados, 11 de contos, 5 de crônicas. 3 de teatro e 2 de ensaios. 617 prêmios literários, sendo 25 fora do Brasil. 105 trabalhos publicados em revistas ou livros de Medicina.

Pedro Galuchi, nascido em São Paulo, 1955. Membro da Academia Itanhaense de Letras. Poeta, cronista. Professor de Educação Física e Diretor de Escola da PMSP. Graduado em Pedagogia, Jornalismo e Direito.

Raul Castro Brasil Beco é professor de Literatura Brasileira e língua Grega, é graduado em Letras pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) e Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Ítalo Brasileira, é também poeta, compositor musical e ator. A paixão pela Literatura nasceu da imensa arte de imaginar e de tanto ler, daí se achou em um momento crucial de transbordar, ou melhor, de também produzir.

Ricardo Kasburg Philippsen vive na Colônia Witmarsum no Paraná, uma pequena comunidade de descendentes menonitas. Dedica seu tempo a fomentar o idioma e a cultura local, cuidar do museu e da sua horta. Em seu tempo livre compõe e escreve. Sem pretensões, mas com muito prazer.

Rogerio Luz é natural do Rio de Janeiro, professor aposentado da UFRJ, publicou artigos e livros nas áreas de arte e psicanálise. E mais oito coletâneas de poemas, dentre elas: "Escritas" (Prêmio de Poesia do Concurso Literário da Universidade Federal do Goiás). Goiânia: Ed. UFG, 2011, e "Os Nomes" (Prêmio de Poesia do Governo do Estado de Minas Gerais). Rio de Janeiro: Ed. Circuito, 2014. Publicou ainda um livro de contos: "Aeroplano" (Prêmio Uirapuru). Belém: Editora Folheando, 2020.

Roque Aloisio Weschenfelder é natural de Santo Cristo-RS, 72 anos, professor aposentado, é multipremiado em concursos literários, integra mais de 250 antologias, é autor de 16 livros solo. Tem dois livros premiados pela UBE-RJ e um pelo MINC, este em 2018. Das obras publicadas, quatro são de literatura infantil, um juvenil e dois didáticos. Os demais são de poesia, de crônicas e outros de contos. Atualmente, é proprietário de editora prestadora de serviços, como revisão, diagramação, tradução e auxílio em publicação de livros.

Silvana Carvalho, 55 anos, é formada em Psicologia. Nasceu no Brasil e hoje vive em Roma, na Itália. Ama viagens, livros e boa companhia. Na gaveta, além de sonhos, tem alguns contos. São resíduos de uma paixão pela escrita que continua a crescer.

Tamara Coqueiro, 27 anos. Escritora paraense de contos e poesias.

Thiago Teixeira Lopes é editor e bibliófilo. Formado em Letras pela Universidade de São Paulo.

Verônica Barbosa Ribeiro é brasileira, licenciada em Letras-Português / Literatura pela Universidade Santa Úrsula, mestranda em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local

pela Universidade de Santiago. Professora de Língua Portuguesa e Literaturas na Escola Secundária Pedro Verona Pires, poetisa, escritora e ativista sociocultural. Vive em São Filipe/ Ilha do Fogo - Cabo Verde.

Verônica Mota é Bióloga desde criancinha, fez graduação e pós em Ecologia. Mesmo depois de começar a trabalhar em escritório, continua observando a natureza, nos finais de semana, nas férias e mesmo no dia a dia. Ensina sua filha a observar e sentir o cheiro das flores e a ouvir e admirar as aves. Na pandemia, trabalhando de casa, pôde contar com uma vista privilegiada de um jardim, onde observou as aves na natureza, assim como diversos outros animais. Também notou a passagem das estações, o vento, a chuva e a lua. Acredita que um mundo melhor é possível, com mais empatia entre as pessoas e delas com a natureza.

Vilma da Silva Santos Zani, 58 anos, natural de São Paulo, zona sul da capital, bairro de Santo Amaro, morando desde 1992 na cidade de Jacareí. Na infância passou anos frequentando bibliotecas municipais para ler e se apaixonou pelos contos infantis, preferia estar entre os livros mais que brincar. Já escrevia poesias, tinha um caderno cheio delas que infelizmente se extraviou, dizendo sempre "quando crescer quero ser escritora...". Ao entrar na Bienal do livro pela primeira vez com um crachá de "autor" foi que se deu conta que tinha alcançado em parte o antigo sonho de ser escritora, era ano de olimpíadas em Sidney e aquela identificação pendurada no pescoço era para ela a grande medalha de ouro valiosa. Além de contos adultos, criação de contos infantis e de uma peça de teatro juvenil "O príncipe que virou sapo e a princesa que virou bruxa". Participações em concursos literários:

1993 – II Concurso Literário Faculdade "Maria Augusta R. Daher", 2º lugar – contos. Mais quatro poesias selecionadas: 5º, 6º, 9º e 17º lugares.

1994 – 1ºlugar, contos no III Concurso Literário Faculdade "Maria Augusta R. Daher", Jacareí, SP.

1995 – 2º lugar, contos no IX Concurso Literário Faculdade "Maria Augusta R. Daher", Jacareí, SP.

1995 - Classificada no Mapa Cultural Paulista - finalistas - coletânea.

1999 - Classificada no Mapa Cultural Paulista - finalistas - coletânea.

1999 – IV Concurso Nacional e Internacional em Língua portuguesa de contos e poesias "Poeta Nuno Álvaro Pereira", editora Valença, RJ. Dois contos e duas poesias selecionadas para edição, por falta de verbas não pôde participar dessa edição, foram inscritas cerca de 1.800 obras de todo o Brasil e exterior.

1999 – Recebimento de Moção Congratulatória da Câmara Municipal de Jacareí, junto a outros homenageados classificados no Mapa Cultural em outras categorias de artes.

1999/2000 – Membro do Conselho Municipal de Cultura de Jacareí.

2000 - Participação da coletânea "Palavras de amor" - Casa do Novo autor editora - prêmio de edição.

2007/2008 – Classificada na fase estadual e indicada ao Mapa Cultural Paulista.

Outras participações sem classificação:

1999 - X Concurso de Contos "Profª Maria de Lourdes B. Ribeiro" da cidade Aparecida/SP – tema "Aconteceu na minha cidade".

1999 – XII Concurso Nacional de Contos "Cidade de Araçatuba".

2010 – Inscrição no Prêmio Off FLIP de Literatura, Paraty-RJ, categoria conto, apenas participação sem classificação.

Waldir Capucci é natural de Jacareí-SP, tem na cidade natal e no Vale do Paraíba as fontes de inspiração para seus textos, quase sempre com pitadas de humor e doses de saudade. Já publicou dois livros, um de contos e outro de memórias afetivas.

Organizadores



Gleidson Melo, pernambucano, biólogo e doutorando em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS). Autor dos livros "Contos de roda" e "Entre contos". É administrador e autor das páginas na internet: Enseada dos Pensamentos [https://enseadadospensamentos.com.br] e Fotografia in Loco [https://fotografiainloco.com.br].

Marta Regina da Silva-Melo, apaixonada pela observação de aves livres na natureza. É turismóloga, pedagoga e docente na área de Turismo. Atua principalmente no âmbito do turismo responsável, meio ambiente, educação ambiental, uso turístico sustentável e ações pedagógicas em áreas verdes. É administradora e autora do site Ecodidática [https://ecodidatica.com.br].

Colaboradora

Neiva Guedes é presidente do Instituto Arara azul (www.institutoararaazul.org.br) e Docente no Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Uniderp. Desde 1990 executa e coordena o Projeto Arara Azul, com estudos sobre *Anodorhynchus hyacinthinus*, ameaçada de extinção até dezembro de 2014. Deu início, em 2011, ao Projeto Aves Urbanas - Araras da Cidade. Promove e coordena atividades de educação e sensibilização ambiental com crianças e estudantes. Estimula o Turismo Científico e Pedagógico, bem como a ciência cidadã envolvendo os moradores nas atividades de conservação da natureza. Apoia o Programa de Conservação da Arara-azul- de-lear na Bahia. Apoia e colabora com o Programa da Ararinha na Natureza. É autora do livro "Joias azuis no céu do Pantanal" e autora de seis capítulos no livro "Araras da Cidade - Música do Mato", de Thiago Quevedo. Faz parte do Conselho da Parrots International com sede em Los Angeles e da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza criada pela Fundação O Boticário. Em 2021 foi reconhecida como uma das principais cientistas do mundo, prêmio concedido pela ONU (Organização das Nações Unidas).



Confira também *Observadores de pássaros: contos de passarinhos - antologia de contos - volume 2*. O segundo volume desta coleção reúne sensibilidade e desperta um olhar para o significado da vida das aves livres na natureza. Os contos perpassam por momentos singulares e de reflexões, próprios de quem busca por amenidades de uma vida, muitas das vezes agitada.

A natureza da florestas fascina, enquanto "O milagre da meia-noite feliz", de Ione Morais, nos convida a fazer uma viagem repleta de passarinhos:

Numa aldeia não muito distante, vivia um bando de pássaros marrons. Eles estavam muito amedrontados por causa da temível Rainha da Noite [...]

Em "Horizonte destino", de Patrícia Ferreira, a liberdade do voo seduz e fascina pela simplicidade da criação:

Há cores no meio daquela massa de árvores além das verdes, cores que vibram em tons tão brilhantes, cores enfileiradas. Não entendo o que aquilo pode ser [...]

Com o conto "Não é apenas conversa de passarinho", Eduardo R. Alexandrino e Gabriel G. M. Mesquita apresentam o projeto de ciência cidadã "Eu vi uma ave usando pulseiras!?", do Instituto Nacional da Mata Atlântica:

Você já deve ter adivinhado quem eu sou, certo?! Mas, para quem não é bom com palpites, sou uma saíra-militar ou, de preferência, saíra-de-lenço [...]

OBSERVADORES DE PÁSSAROS
CONTOS DE PASSARINHOS
Antologia de Contos – Volume I

Personagens ganham forma e viajam por lugares especiais e repletos de encontros com a sensibilidade. O primeiro volume desta coleção é constituído por contos na perspectiva dos observadores de aves livres na natureza, suas narrativas e percepções. O observador de pássaros buscou uma atmosfera perfeita de vínculo e amor à natureza, pois além de fonte de inspiração, as aves tornam o momento especial.

editora ECO Didática

ISBN: 978-65-996629-0-4
CBL
9 786599 662904